

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1902

N.º 76

Conselheiro Antonio Candido Ribeiro da Costa



Novo conselheiro de Estado

O illustre estadista que El-Rei acaba de escolher para vogal effectivo do conselho de Estado, juntamente com o conselheiro Luis Bivar Gomez da Costa, presidente da camara dos dignos pares do reino, cujo retrato o «Brasil-Portugal» publicou já no n.º 57, é uma das individualidades mais sympathicas da politica portugueza.

Antigo ministro do reino, hoje procurador geral da corôa, par do reino, professor de direito na Universidade, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, Antonio Candido é sobretudo conhecido, no paiz e no estrangeiro, como o maior orador portuguez.

Victor Hugo

Um discurso de Antonio Candido

Pronunciado no Atheneu Commercial do Porto, a 15 de agosto de 1885, em honra do grande poeta.

Meus senhores:



CERTOS gostosamente o convite que me trouxe aqui. Sinto que não poderei corresponder à grandeza do assumpto e à expectação d'esta assembléa; mas espero que me valerá alguma sympathia a intenção de ser amavel com quem se lembrou de mim, e a boa vontade de contribuir para que esta cidade collabore na consagração d'um nome, que é o maior e mais vivo esmalte da civilização litteraria do nosso seculo.

Não farei a biographia de Victor Hugo, nem tentarei a apreciação critica da sua obra.

Desprezida dos acontecimentos litterarios que a assignalam, a vida do enorme poeta tem um interesse mediocre. Para reduzir a formulas dogmaticas o valor do seu genio é muito cedo ainda; em quanto não emmudeceram, em volta do seu tumulo, as vozes que o praticam e as vozes que o acclamam, a posteridade não começa... A isto accresco que, tendo a critica de debastar e mondar a floresta que elle plantou, eu não me sinto com pulso para esse trabalho, e amo muito o homem e o artista para lancar afoitamente o machado á razia d'algumas criações suas.

Por tudo isto trago sómente o proposito de dizer a minha impressão pessoal a respeito de Victor Hugo, singelamente, sem preoccupações academicas, sem pretensão de especie alguma.

Tenho ouvido e lido muitas vezes que este seculo será designado pelo nome de Victor Hugo, como o seculo XVII é designado pelo nome de Voltaire. Não sou d'esta opinião. Por os interesses positivos da humanidade, Voltaire foi maior que Victor Hugo. Exercer a realza intellectual do seu tempo n'uma altura de prestigio a que ninguém subiu antes nem depois; assimilar e diffundir uma philosophia nova, de que não foi criador, mas que recebeu da sua lucida palavra e da sua logica irresistivel o poder de ser eficaz na consciencia, passando da escola para o mundo; empregou o theatro, muito intencionalmente, como processo de educação moral; transformou a ironia n'uma arma de combate e o riso n'uma força do talento; revelou a Inglaterra á Europa; mostrou a França a si mesma; fez a Revolução...

Para deslunbrar o mundo ninguém como Victor Hugo; mas para agitar e revolver um seculo ninguém como Voltaire!

Por outro lado, a fecundidade mental do nosso tempo tem sido exuberantissima, assombrosa... Em quasi todas as formas da arte, nas generalisações da philosophia, nas sciencias particulares do mundo, no plano e no espirito das revoluções sociais, nas combinações e habilitações da politica, nos aperfeiçoamentos da industria, e até nos fundamentos da tática e da estratégia militar — estão inscriptas gloriosas assignaturas, que é impossivel metter na decação escultural d'um só homem, por mais ampla e mais elevada que a sua estatura seja!

Os mortos são depressa, diz a balada E' certo. E até os que mais fizeram pela immortalidade sensida da sua memoria são facilmente perdidos de vista no melancolico rio das sombras... A historia guarda os seus nomes, as bibliotecas conservam os seus livros; mas uma historia que poucos abrem e livros que raras leem são por ventura immortalidade bastante!

Para Victor Hugo a morte foi uma assumpção gloriosa, uma apoteose! Tudo o que a admiração e o amor podem inspirar de mais comovido e solenne foi exhibido nas exequias unicas, sem precedentes, que a França lhe dedicou. Todas as nações abateram as suas bandeiras diante do feretro glorioso. Todas as linguas cultas se concertaram na immensa elegia do grande poeta extinto. Ouvia-se em toda a terra um gemido lamento e prolongado, como esse que soua nas aguas do Mediterraneo quando o deus Pan morreu...

Eu fui n'esta corrente, enlutado e absorto, chorando a orphanidade intellectual da nossa raza, e recebendo de consolação da justiça feita a quem por tão nobres titulos a merecera; mas senti e sinto ainda que n'aquella hora, quando o Espirito estava de cima — o que raramente succede n'este periodo industrial e egotista — parecasse mais densa e carregada a sombra caída sobre os nomes que formam a consellação moral d'este seculo, e sem os quaes Victor Hugo, sua estrella de maior esplendor, não teria sido, seguramente, o que foi.

Goethe, o eminentissimo espirito que resuscitou a Allemanha litteraria, teve o pensamento inicial da escola romantica e attingiu a ma-

xima inspiração possível á velha raza teutonica, velha e sempre moça, e mais profunda que todas; Byron, o ultimo poeta que viveu a sua poesia, o genio desconcertado mas sublime que desenhou, na aurora do seculo, essas formidaveis interrogações que hão de passar sem resposta para o seculo seguinte, o desvairedo da phantasia e da moral que só teve a fortuna de morrer bem; Chateaubriand, artista do grande raza no torção e cizeladura da phrase, caracter indefinido mais sympathetic, especie de Hamlet genial nas contradições da sua idéa e da sua vida, epicurista e mystico, ingratamente esquecido no seu tumulo de Saint-Malo, que elle quiz á beira-mar para que as suas cinzas ficassem onde a sua imaginação fluctuava sempre — no extremo da terra e nos idóitos do infinito; Lamartine, o facil e harmonioso effusivo poeta, que ninguém lê, e potente orador, que ninguém celebra, e eloquente historiador, que ninguém cita, alma de eleição, alma primorosa, que inundou o mundo com as ondas azues da sua inspiração effusiva e erente; Musset, o sincero cantor apaixonado da mocidade e do amor, cuja sepultura não está ainda, felizmente, fechada á luz pelos ramos da arvore funeraria que elle pediu aos seus amigos; Balzac, o gigante da *Comedia Humana*, esse obscuro de tanto tempo, cuja descendencia está hoje no primeiro plano da influencia e da gloria, digno de personalisar artisticamente o nosso tempo, se isto fóra possível, porque poz a sua inspiração pessoal a par da philosophia dominante; George Sand, o fulgurante engenho que se mede com a estatura de Balzac, menos verdadeiro mas mais bello, aquia e rouxinol, genio e mulher ao mesmo tempo; Alexandre Dumas, o fascioso e incomparavel e talentoso encantador; phantasia opulentiissima, debordante; Humboldt, em cujo portento cerebro a unidade da sciencia e do cosmos se fez verbo e luz; Hegel, que reformou a Historia e a Philosophia, e ensinou a religião litteraria dos romanticos; Augusto Comte, que deu a formula scientifica do naturalismo; H. Heine, fusão surpreendente, admiravel, da aptidão germanica e do espirito gaulez, em cuja estranha lyra a poesia, moribunda, pareceu ter desferido os ultimos sons; Michelet, a fureza e a luz; Alexandre, o poeta, e Alexandre e a Cesar, superior a Frederico; Pitt, que salvou a Inglaterra, e talvez, o mundo; Cavour, que unificou a Italia; Lincoln, que acrescentou ao facto da republica o principio da Humanidade; Garibaldi, o ultimo heroe latino; Proudhon, o polemista formidavel, cuja logica devastava como uma torrente, e cujo pensamento succidia como um vendaval... ah! todos estes devem estar de pé quando na augusta individualidade de Victor Hugo se faz a consagração, quasi religiosa, do genio, da bondade, da virtude, do valor de qualquer especie!

A sua bella cabeça irradiante não se perde n'esta gloriosa multidão. O sublime é uma amplificação do bello. O grandioso só destaca no conjunto das coisas. Na *Eschola de Athena*, de Raphael, é que se comprehende e estima a figura primacial de Platão, ampla e luminosa. Entre tantas culminações da arte, da sciencia, da guerra, da politica, a phantasia sympathetic e o fervor sentimental hão de ser sempre para o poeta Dumas, o sombe cantor, os versos adoraveis, a liberdade, o amor, a creança, a mulher, a gloria, o ideal de todas as coisas, a clemencia, a intima piedade, a terra e o mar, o mundo e o ceu, o homem e Deus, o passado, como elle o viu na lenda, o futuro, como elle o phantasiou no sonho...

Eu disse que a obra de Victor Hugo era como uma enorme floresta. Completando a imagem, acrescento que ella resume a flora de todas as latitudes, revive exemplares de periodos paleontologicos e, por vezes, entrelaça tudo, phantasticamente, na estranha vegetação da febre... Quero dizer com isto que o seu genio, complexo e multiforme, não cabe nas aptidões moraes d'um povo, não se inclue nas qualidades differencias de uma raza, não obedece á influencia particular d'um momento historico, mas absorve e diffunde, attrae e reflecte toda a humana sensibilidade!

Em alguns poematos da *Légende des Siècles*, na forma monstruosa d'algumas situações romanticas, em lanços soberbos dos *Châtiments* e de *L'Année terrible*, a inspiração de Victor Hugo assume a grandeza disforme da poesia oriental, e a sua enorme lyra ora se nos affigura em plena Judea, ferida pelo vento abrasado do deserto, ora nos parece levantada sobre os montes sagrados da velha India, vibrando metallicamente ao sopro das manilhas do levante perfumadas e topidas!

Em seus primeiros cantos ha reminiscencias vivas da casta e perfeita musa hellenica, adivinhada no suprendido no seu pais nativo, longe da esteril imitação classica. Nas bucolicas é suave como Virgilio. Nos mysterios da natureza e nas intimidades da consciencia tem visões profundas e demoradas como Dante. Personalisa as paixões como Eschylo e Shakespeare, e, se é inferior a este no sentimento da realidade, excede-o na arte e no apparato do movimento scenico. No seu lyrico impressionado, desolado em estrophes divinas que são dogmas de immutavel belleza, parece que reside a quinta-essencia, abstracta e absoluta, de toda a poesia humana, da que é cantada á luz viva e hiératica do meio-dia, e da que é vagamente e mysticamente sonhada sob os ceus melancolicos do norte!

Na *Légende des Sicyles* há um poema adorável, em que Victor Hugo figura o grande movimento humano da *Renascença*. É uma criação genial. É também o mais completo documento que o poeta deixou da sua arte, da sua moral e da sua philosophia. Todo o seu vasto espirito está n'esta forma miniatúria.

Satyro é o título d'este poema.

Vou lembrá-lo aos que já o leram.

Satyro vivia no Olympo, no grande bosque selvagem, e a lenda dos seus crimes envolvia e apavorava todo o monte sagrado. Não se sabia ao certo quem era. Não o conheciam Flora nem Vesper; e a Aurora, que vê tudo, nunca o tinha visto a elle. Era horrendo este fauno... As bacchantes tremiam, se o encontravam; as hamadryadas e as nayadas fugiam, espavoridas, ao seu armar divino e brutal. Os seus olhos lascivos fulgavam, pela noite, como flamma. O monstro adorava as flores! Golebrava orgias insensatas a cantar as *terras* e os myrtos. Não conhecia lei; zombava de tudo, Psyché, a propria Psyché, indo banhar-se nas aguas vivas d'um rio, avistou-o por entre a folhagem d'um bosque, e o mesmo foi que fugir apressadamente, como louca, para o empyreo, onde fez as suas queixas entre convulsões de susto e fremitos de pudor!

Com isto, o acelerado accumulava ainda a qualidade de ladrão...

Hercules prendeu-o, e levou-o pelas ocellas, a Jupiter.

A descripção do seu pagão é soberba: eu não perpetrarei o sacrilegio de amolgar na minha rude mão o labor perfeitissimo d'esses versos, d'uma inspiração homérica!

Jupiter tendo rido à larga, como elle sabia rir, do pobre fauno deslumbrado, teve a magnanimidade de lhe perdoar mediante a condição de que divertiria a augusta assembléa com o seu cantico de besta-fera.

Mercurio, sorrindo, emprestou-lhe a flauta. Satyro preludio... As primeiras notas são calmas e tristes. Mas a tonalidade da sua voz accentua-se quando começa a cantar as *terras* e os myrtos... Descreve a genese mysteriosa das coisas e o seu aspecto profundo e grandioso, o oceano, as entranhas da terra onde as sombras ondulam, onde correm rios escuros, onde estão vulcões, onde, em abysmos melancolicos, se distingue ainda o inferno abandonado de antigos deuses extinctos... Fala da seiva que circula em toda a parte; da vasta plenitude da noite, do silencio e da solidão; das arvores que, no fundo dos vales, na orla dos lagos e pela cumeada dos montes, desenhando ainda a antiga forma da terra; do carvalho misterioso e fiel, do cedro religioso, da floresta surgindo, alastrando, crescendo, mergulhando as raizes na sombra, extrahindo de lá e espalhando na atmosphera o incenso e o veneno, produzindo, para os heroes, o loureiro, e a cicuta para os videntes e pensadores...

Depois, pinta o reverso da criação, a arvore contemplada pelo lado da raiz, o combate subterraneo das plantas assassinas, o horror das selvas... E tendo penetrado a significação reconhecida das coisas, tendo saudado a fecundidade augusta da natureza, rejota para o monte a flauta, que lhe feriu os beijos e não lhe recebia o sopro, e, apertando o joelho entre as mãos, o Satyro pronuncia esta grande palavra: a Alma!... Desde que na ascenção hieratica do cosmos esta sagrada coisa apparece, a terra illumina-se, e o fauno apresenta-a aos deuses deslumbrantes, que bebem a luz em taças de ouro, como o prodigio mais precioso com elles, como o globo que os move e leva a todos através da formidável noite...

Phalho empastela a lyra.

«*E bello, diz Venus arrebatada!*

Começa a cantar o *homen*. Falla da sua infancia, um idyllio de hymnos e de perfumes, e diz como este idyllio seolveu em tragedia desde que Prometheu roubou o fogo ao ceu. Avulta as miserias causadas pelos reis que não são bois, e pelos deuses que não são sinceros. O odio, a morte, a guerra, a indigencia e a ignorancia, eis outros tantos flagellos virados sobre contra a homem, este inicial da criação, *sem o que o homem soutra seriam morte*. Em seguida, a uma ampla visão e n'um crescendo soberbo de eloquencia e de harmonia, elle descreve a redempção social, o advento da paz, do amor e da unidade, o dominio da razão sobre a materia, a fusão mystica do espirito com o astro, e a sua tralação interminavel na luz...

Os deuses estavam apprehensivos e inquietos. Jupiter, assombrado. Só a aguia se conservava, desde o principio, imperturbada e atenta... Então o Satyro, ultimo do seu cantico, *annuncia, sem o que o Olympo em palavras sublimas, vanguarda, a uma longa historia de crimes*. E logo se transfigura divinamente; cresce sobre os maiores gigantes; irradia da sua frente um oriente novo; a cabelleira toma-lhe a forma e a grandeza d'uma floresta ondecante; palpitam-lhe no flanco os campos e as padarias; as deformidades contornam-se; avultam, elevam-se a montanhas; a despedida lyra canta, chora, brame, grida; recama-se-lhe o peito de estrellas; e, depois de clamar que o futuro é a prolongação do infinito, o espirito penetrando a materia de todos os lados, exclama, triumphante:

«Place à Tout! Je suis Pan; Jupiter! à genoux!»

É actual esta comprehensão do cosmos e da historia? O espirito immanente na materia é por ventura uma verdade scientifica? Cabe n'um systema, composto e esgado, esta multidão de idéas, fluctuante como um vapor, indeterminavel como um nimbo?

Estas interrogações têm de ser respondidas negativamente. Mas que importa isso? A philosophia de então, a philosophia d'elle, era esta. A verdade era assim. Hoje não é?... Mas também ninguém immobilisará a consciencia nos dogmas do que hoje se acredita. E a humanidade começa a ser, felizmente, a ampla comprehensão de que tudo se liga e encadeia no espirito e na natureza, e de que os erros de hoje foram as verdades de hontem, laboriosamente adquiridas e fervorosamente amadas por cerebros e corações identicos, na essencia, por largo espaço de tempo...

Pensando que emoldurava a Renascença do seculo XVI, o poeta figurou e exprimiu a renascença litteraria do seculo XIX. E Pan... é elle! O que o Satyro cantou no Olympo, na augusta assembléa dos deuses,

cantou Victor Hugo no sublime convívio dos povos. Nas *Folhas do Ottomno*, traçando em esplendidos versos o programma da nova poesia, era já este o seu prospecto de arte.

Si l'on vous dit que l'art et que la poésie
Sont un flux fermé de bande ambrosiaie,
Que c'est le bruit, la foule, attaché à vos pas,
Ou d'un salon doré l'oisive fantaisie,
Ou la rime en furant par la rime saisie,
Oh! ne le croyez pas!

O poètes sacrés, échevelés sublimes,
Allez, et répandez vos âmes sur les cimes,
Sur les sommets de neige ou de vents aquilons,
Sur les déserts peuplés où l'esprit se recueille,
Sur les bois que l'antoinne ouverte feuille à feuille,
Sur les laes endormis dans l'ombre des vallons!

C'est Dieu qui remplit tout. Le monde, c'est son temple!
Œuvre vivante, où tout l'écoute et le contemple!
Tout lui parle et le chante. Il est seul, il est un!
Dans sa création tout est joie et sourire;
L'étoile qui regarde et la fleur qui respire,
Tout est flamme ou parfum!

No *Satyro*, n'essa deslumbradora concepção do mundo que é, ao mesmo tempo, uma cosmogonia, uma religião, uma moral e uma cathetica, está Victor Hugo todo, o homem e o artista, a inspiração a que foi sempre fiel, a *materia prima* do seu trabalho de sessenta annos... E n'esta montanha ideal que elle talha as figuras descommunes do theatro e do romance, gera as concepções grandiosas do destino humano, e extrae das coisas essa divina poesia lyrica das *Folhas do Ottomno*, das *Orientaes*, das *Contemplações*, dos *Cantos do Crepusculo*, que é feita do perfume das flores, do gorgeio das aves, do riso das creanças, da luz das estrellas, das côres da aurora, da graça do sulher, da arvore viva ao crepusculo, do monte contemplado de noite, da alegria da vida, da frieza das coisas... e por isso é eterna como a natureza que a inspirou, e por isso será comprehendida e amada emquanto houver sobre a terra um coração que sinta e uma ave que cante!

Não era um sábio; não era um critico. Era um poeta, um poeta de tudo, illuminado, fulgurante de imagens, vibrando a palavra como o sol vibra a sua luz, enchendo o seculo com a sua grande voz, impondo-se á arte como um revolucionario triumphante, subvertendo as suas visões a moral e a politica, instruindo e deslumbrando, deslumbrando mais do que instruindo... Os personagens dos seus dramas existiam n'um só exemplar da Historia Humana, e esse exemplar tinha-o elle; da Natureza sabia coisas, que ninguém soube antes nem depois...

A Grecia creou o seu Olympo, e povou-o de deuses semelhantes a homens; Victor Hugo creou o outro, e encheu-o de homens semelhantes a deuses. Mas a mythologia e o romantismo são ainda hoje e serão por muito tempo, talvez, os mais bellos e graciosos relevos da immensa perspectiva da Arte!

Na visão amplificada das coisas e na antithese ideologica e sentimental, que são o caracter e o progresso do grande poeta, não está sómente uma soberba inspiração litteraria; está também a razão d'aquella bondade, sympathia e effusiva, que fez Victor Hugo profundamente amado e politico, e pela maioria do genero humano.

Ah! se não fosse bom não seria genio! Mas foi tudo. Fundou uma escola de arte e construiu um capitulo de moral! Combatu a guerra no que ella tem de monstro, a miseria, no que ella tem de involuntario, a ignorancia, no que ella tem de fatal! Consolou os povos opprimidos, e puniu, com a espada diamantina e flamejante da sua palavra, os tyranos do seu tempo desde Miguel de Portugal até Napoleão de Sidán! Para vigiar a liberdade e para defender a patria, ora foi semelhante no rochedo de Guernesey, ora homem, simplesmente, como blais de kepi, no cerco de Paris! Pugnou consistentemente pela inviolabilidade da vida humana, quer a hypothese fosse Maximiliano do Mexico, quer fosse a condemnação de qualquer miseravel, sempre conhecido pelo seu crime!

«*On sent qu'il pense au delà même de la pensée*—disse Victor Hugo d'um grande escriptor que o precedeu na morte. Também elle, o prodigioso poeta, não cabendo nos terminos da realidade visivel, era para além do pensamento que vivia, vibrava, trabalhava; e por isso nas suas criações de toda a ordem ha sempre alguma coisa incoercivel, mysteriosa e sobrenatural, que se sente sem que possa discutir-se, que se percebe sem que possa demonstrar-se!

Foi um sublime criador de visões, como Shakspeare foi um assombroso criador de almas!

Compreende-se, por tudo isto, que a morte de Victor Hugo fosse um acontecimento no mundo. Quem ha de substitui-lo no glorioso primado da arte? Quem pode levantar do chão, onde caiu, a enorme lyra que foi d'elle?

Renan escreveu que Victor Hugo apparecera na terra por um *decreto especial e nominativo do Eterno*. A phrase não pode ser tomada à letra. Mas a hyperbole era natural n'aquelles dias rememoravos em que a França lhe fazia os funeraes d'um deus!

Foi uma surpresa, foi um assombro aquillo! Eu não pensava que no extremo d'este seculo, quando já se tinham apagado as suas maximas luzes, fosse possível aquella sagração espiritalista, eminentemente espiritalista, d'um homem de genio! E ainda vibro, ainda me sinto commovido em todo o meu ser, quando me lembro da noite em que o corpo de Victor Hugo, exposto sob o Arco do Triumpho, foi velado pelos poetas da França, diante da humanidade cheia de affectos e debaixo do ceu coberto de estrellas...

Parece antigo, e é de hontem!

POLITICA INTERNA

Não tem faltado profetas a anteverem para a Austria-Hungria dias sombrios, logo que desapareça da scena politica o imperador Francisco José, o unico elemento de ponderação que pelo seu prestigio pessoal contem unidas as diversas partes tão mal soldadas do imperio. Fundam-se os, que tais prophcias fazem, na carencia de qualidades de governo dos dois principes, successivamente investidos no espinhoz cargo de herdeiro do throno, de um Estado onde as rivalidades nacionalistas e os ciumes locais tão melindroso e difficil tornam o officio de reinar. Foi primeiramente o malgrado archiduc Rodolpho quem demonstrou a incapacidade de succeder ao paiz, pelo systematico afastamento dos negocios publicos e pela vida dissipada a que se entregou com grave escandalo das austeras tradições da corte. Não era decerto um imperador com taes precedentes e semelhantes disposições que poderia arcar com as pesadas responsabilidades, que o aguardavam. A tragedia de Meyerling veio pôr termo a uma existencia, que se arrastava ingloria sem proveito para ninguém. Foi então proclamado herdeiro presumptivo em substituição do principe fallecido o archiduc Francisco Fernando.

A escolha, porém, como cada dia mais se evidencia, não foi das mais felizes. Os defectos do actual herdeiro do throno são ao que parece de outra ordem dos do archiduc Rodolpho, mas nem por isso promettem melhores resultados. Nota-se-lhe sobretudo uma falta de tacto politico, que ainda mais sobresse quando se compara com a habilidade diplomatica e o tino governativo do velho imperador. O ultimo acto do principe, que consistiu em merecendo geras censuras, e que quasi determinou uma crise politica na Hungria, foi o seguinte:

Na sua recente viagem a S. Petersburgo o archiduc Francisco Fernando determinou levar como gentis homens a *lattere* um austriaco e um hungaro. Esta dupla companhia era indispensavel para não despertar ciumes em qualquer das metades da monarchia, muito ciosas ambas das suas prerogativas. O herdeiro do throno, contudo, procedeu inconvenientemente escolhendo como representantes da Hungria o conde João Zichy, chefe do partido clerical. Apenas esta escolha foi conhecida, o ministro hungaro junto á corte em Vienna, o conde Szecheny, telegraphou ao seu governo relatando-lhe o caso, e o presidente do conselho, o sr. Szell, immediatamente se dirigio ao imperador ponderando-lhe o máo effeito, que na Hungria semelhante nomeação produziria. O conde Szecheny qui em pessoa ir demonstrar ao herdeiro do throno a impossibilidade, por motivo de altas razões politicas, de o conde Zichy representar á Russia. Da primeira vez o principe não o recebeu, e da segunda tratou o ministro da forma mais brusca, negando-se ao principio a desistir da nomeação feita, e depois, quando teve de renunciar a ella em virtude da intervenção pessoal do imperador, recusando-se terminantemente a nomear outro hungaro para o acompanhar.

Imagine-se o effeito d'estas noticias na opinião publica magyar, logo que a imprensa contida em Buda-Pest. Na camera dos deputados o vice-presidente do partido popular, Komjátthy, atacou duramente o archiduc insistindo em que o procedimento d'elle era uma prova dos sentimentos hostis, que nutria contra a nação hungara. Queixou-se de que tivessem educado o herdeiro do throno no desconhecimento o mais completo dos interesses e dos direitos da Hungria, e concluiu por assegurar, entre os applausos entusiasticos dos deputados pertencentes ao partido da independencia, que os magyares deviam obrigar o principe a respeitar as leis hungaras, tanto mais que o herdeiro do throno não tem significação alguma nem para o orgulho nacional magyar nem para a constituição hungara. O conde Apponyi, presidente da camera, quiz chamar o orador á ordem, mas a opposição levantou-se em massa a dar-lhe razão, e Komjátthy ainda mais accentuou a accusação, terminando com a seguinte acentuação: «é preciso ensinar ao herdeiro da corôa, que apenas falla allemão e tchèque, que na Hungria só podem contar com a fidelidade os principes que souberem respeitar os direitos da patria magyar. O velho direito de resistencia, que assistia á nação contra a corôa, se caiu em desuso pôde amanhã ser ressuscitado pela espada da Hungria, quando a nação (for insultada)». Interveio o presidente do conselho, Szell, para desculpar o archiduc, mas as suas palavras pouco effeito conseguiram, sendo pelo contrario enorme a impressão produzida pelo discurso de Komjátthy, que teve depois um enorme echo fóra do parlamento.

E éia como se a impetosa alta de tacto se occasionou um triste incidente, que decerto vai contribuir para dar novas forças ao partido da independencia, tão notavelmente robustecido pelas ultimas eleições. Imagine-se o futuro das relações austro-hungaras, quando o archiduc Francisco Fernando sob ao throno do imperio.

Realisar-se-hão n'esse momento as celebres prophcias de Blowitz?

Quasi ao mesmo tempo estalam na Italia e na Hespanha duas crises politicas, tão singulares na origem, como illogicas na solução, que pelos respectivos chefes do estado lhes foi dada.

Principiemos pela crise italiana. Immediatamente depois da reunião do parlamento o ministerio Zanardelli-Giollitti soffreu um duplo chéque, não tendo conseguido em dois escrutinios consecutivos obter para o seu candidato, o sr. Villa, á presidencia da camera, a maioria absoluta. A opposição, capitaneada pelo sr. Sonnino, votou com listas brancas. Logo que a votação foi conhecida, o sr. Zanardelli apresentou ao rei a demissão collectiva do governo.

Victor Manuel insistiu com os ministros para que se conservassem no seu posto. Todos opinaram pela saída, que se lhes afigurava imposta pelas circumstancias, e constitucionalmente o unico meio correcto de resolver o conflicto levantado com o parlamento. O sr. Giollitti, principalmente, não desistia da sua demissão de ministro do reino. O soberano, porém ao cabo de novas e reiteradas instancias, repetidas por alguns dias, conseguiu que o ministerio retrahisse o pedido de de-

missão e consentisse em se apresentar de novo ás camaras, aguardando a decisão final do pleito entre governo e maioria para quando a politica geral do ministerio fosse discutida. Até aqui os factos. Agora os commentarios.

E' indubitavel que a acção pessoal do rei se exerceu a favor de um ministerio rasgadoamente liberal, impedindo esta intervenção, pelo menos por agora, o advento ao poder de qualquer governo conservador ou militarista, á maneira do tristemente celebre organiado pelo general Pelloux. Mas admittido o principio da que o chefe do estado tem um paiz constitucional, pôde impôr a sua vontade em contrario ás indicações do parlamento, fica aberta a porta para a corôa se entrometer na lucta dos partidos, dispensando-se de attender ás indicações do paiz. Hoje pôde ter sido sympathica para o partido liberal a attitude assumida perante a crise por Victor Manuel III. Amanhã, porém, se a intervenção se fizer contra os interesses da nação e da liberdade, os defensores das regalías parlamentares, que hoje applaudem o acto do rei, nada terão que oppôr ao que contra elles se fizer.

Demais o ministerio Zanardelli, não obstante os bons desejos do seu chefe, democratista de solidos principios e larga folha de serviços á nação, está gasto. Alguns dos seus mais entusiasticos sequezes perderam a confiança n'elle, pelo que se não tem podido fazer. Uma parte da opinião, pelo contrario, parece abandonado o pelo que elle tem feito. Não pôde realizar as reformas financeiras e economicas, a que se tinha obrigado. D'ahi o descontentamento dos amigos da sua pessoa, hesitante perante o grande numero de grèves, que parece da tibieza ministerial tem tirado nova força, e acima de tudo a apresentação do projecto de lei sobre o divorcio, que determinou a saída do ministro das obras publicas, o conde Giusso, crearam-lhe grande numero de adversarios nas classes conservadoras. E, assim fracamente sustentado pelos partidarios, atacado com ardor e persistencia pelos adversarios de honra e pelos da moda, o ministro Zanardelli, que não pôde, sem de nada lhe ter valido o favor real, e de mais além das questões internas, que complicam e tornam difficil a vida da situação, ha a magna questão internacional da renovação da triplice alliança, cujo prazo está a findar, e que representa para o ministerio um verdadeiro pezadello. As predileções francophilas do sr. Prinetti já se pateentaram no accordo franco-italiano sobre o Mediterraneo. Ousará, porém, a Italia romper com a alliança allemã e arriscar-se ás represalias, que semelhante passo, lhe pôde acarretar?

E se não rompe e se a renova, como pôde similhante renovação conciliar-se com a recente amizade franceza?

Porque, por mais que insistam no seu caracter pacifico, a triplice alliança ha-de sempre ter para a França a significação que lhe dêram os seus primeiros negociadores.

E' esta uma questão bem embarçosa para o sr. Zanardelli e que decerto não pôde ser resolvida, para que elle mostre grande empenho em conservar o poder n'este momento critico.

Depois da crise italiana, manifestou-se a crise hespanhola, muito semelhante áquella na sua origem e na solução que a rainha regente acaba de dar-lhe. Também como na Italia o ministerio Sagasta estava enfraquecido pela inhabilidade em resolver ou evitar as graves questões de ordem interna, que lhe tem atormentado a existencia. Não soube prever a grève de Barcelona, e não conseguiu resolver o conflicto com o Banco de Hespanha, sacrificando lhe no ultimo momento o corajoso ministro da fazenda, o sr. Urzaiz. Além da decomposição do partido liberal, que mais se accentuou ainda depois da scisão de Gamazo, é certo que a principal fraquesa do ministerio estava no proprio chefe, já cansado pela idade e pelos acaques, e diga-se a verdade, sem prestigio perante a opinião, por virtude dos variados incidentes em que tem sido fertil a sua longa carreira politica. Ao contrario do sr. Zanardelli, que é um homem de principios, o sr. Sagasta é apenas um politico de expedientes. De expedientes tem vivido sempre, desde a já tão afastada data de 1868, em que a sua carreira publica pôde dizer-se começou, até á actual crise, na qual por um seu expediente favorito para evitar as difficuldades do mundo da finança alliou o ministro da fazenda, que usára tocar na arca santa dos privilegios do Banco de Hespanha.

Pois apesar da decomposição do partido liberal, e sem embargo da fraquesa do seu chefe, a rainha regente encarregou o sr. Sagasta da formação de um novo ministerio, ou antes da reconstituição do anterior governo. Exactamente como na Italia. Com uma differença apenas. E' que na Italia ao menos continua a mesma situação, com o mesmo programma, porquanto o conde Giusso, que não concordava com o projecto de lei sobre o divorcio, foi quem saiu; enquanto que em Hespanha fica ainda a maioria dos antigos ministros, mas o programma é que não é o mesmo, porisso que o sr. Urzaiz, que constitua a alma do ministerio, foi o que deixou o governo levando consigo o programma de reforma ministerial. E depois que significação tem os ministros novos que entram? Sob o ponto de vista de uma melhoria da situação nenhuma. O sr. Moret tem sido ministro meia duzia de vezes e o que até agora não fez, por não saber ou não poder, não o vai fazer decerto agora, quando a preoccupação unica que o levou a entrar para o governo do reino foi a de assegurar para si a futura chefia do partido liberal, o caso de morte ou da scisão de Sagasta. Canalejas está pouco mais ou menos no mesmo caso. Será no ministerio um rival de Moret, cuja pasta abandonava, em vez de seu leal collaborador O ministro da fazenda, finalmente, o sr. Rodrigáñez, um novo, e o que peor é um desconhecido, representa o abandono do programma financeiro do governo e a capitulação do ministerio perante o Banco. Eis o que é o novo governo hespanhol.



Rittorinho 90

CINTRA — Castello real da Pena — O lago do parque

O brigade "Corimba" em Angola

II

Foi no meio do mesmo anno, outra commissão foi realçada pelo brigade "Corimba", digna a todos os respeito de menção especial, pela intrepidez de que n'essa conjunctura deram provas o commandante, os officiaes e mais praças da guarnição d'esse navio de guerra.

Haviam-se recebido em Loanda repetidas queixas dos commerciantes estabelecidos no Porto Banana, tambem chamado Laguna dos Firtas, contra as violencias a miúdo praticadas pelos mussorongs da margem firta do Zaire. Foi pelo governador confiada ao commandante do "Corimba" a missão de se informar sobre o fundamento de taes queixas e proceder como lhe parecesse mais conveniente para garantir a segurança d'aquelles negociantes.

Surtou no Zaire (bahia de Santo Antonio) o "Corimba", em breve se confirmou o commandante Andrade da veracidade dos factos allegados. Existiam em Porto Banana cinco feitorias portuguezas, que prosperavam rapidamente no commercio do acrite de palma, urucú e gomma copal. Mas a insolencia de tres regulos mussorongs visinhos, que todos exigiam costumes ou tributos, angustiou constantemente, a ponto de inspirar aos negociantes portuguezos o desanimo e o desejo de abandonarem aquelle centro promettedor de trafico. Pouco antes, os indigenas, não vendo attendidas as suas pretensões e suppondo os europeus completamente destituídos de protecção das forças do seu país, tinham-se abalado a roubar, entre outras cousas, uma canoa e uma peça de artilheria, a amarrar e acutilar os portadores de fazendas sobre as quaes faziam mão baixa, e por ultimo a ferir gravemente o proprietario de uma das feitorias, José da Silva.

Urgia pôr termo a um tal estado de cousas. N'esse intuito, o commandante Andrade, querendo experimentar primeiro o systema de prudencia, reclamou uma conferencia dos tres chefes negros, que se intitulavam o rei Nemblau, o principe Mamputo e o principe Netumbo. Aceita por parte d'elles a proposta, foi designada a povoação do primeiro para o ponto da entrevista.

Distava ella mais de tres leguas do local onde se achava surto o brigade. O commandante Andrade para lá se dirigiu, de grande uniforme, acompanhado de alguns negociantes de Banana e de um interprete. Quando chegou, agglomerava-se uma turba innumeravel de mussorongs em volta da cubata regia, elevada ao centro da povoação. Sereno e compassivo, o commandante dirigiu-se a cubata, com a sua apocada comitiva, no meio da vozzeria infernal da prefallada.

O regulo, vestindo uma velha fardeta de soldado portuguez, possuava n'um mocho de madeira, ladeado pelos outros dois principes, rodeado da sua corte, com os seus oito ministros sentados no chão, em duas fileiras lateraes e symmetricas. Sobre a carapinha regia, erguia-se uma colossal barretina, despojo de algum officio do nosso antigo exercito. Não lado esquerdo do peito, rotulava uma cruz de latão. E, para complemento de majestade, a mão direita do soberano segurava, em guisa de sceptro, o enorme guarda-chuva de panna encarnado, solentemente aberto.

Apenas o commandante se aproximou do monarcha, este indicou-lhe a cruz que trazia pendente ao peito, para que elle a beijasse. O officio portuguez hesitou. O clamor dos negros augmentava, e seria imprudente mollograr por uma recusa o empurramento da missão e pôr em risco imminente a vida d'elle e dos seus. Revertentemente, o commandante Andrade deixou a mão sobre o symbolo da christandade.

Em seguida, deu começo á sua exposição, com o auxilio do interprete. Convidou o rei e os principes a entregar os objectos roubados, assim como os ladrões e os assassinos que se haviam refugiado nos seus povos. Tentou penetrar-los da indignidade de tornar os seus dominios em valhacontes de malfeteiros. Mas apenas um dos tres potentissimos, o principe Mamputo, se deixou convencer pelas razões expeditas, declarando que os seus principaes criminosos se achavam, tres d'elles na povoação do Netumbo e o quarto no de Nemblau. Quanto ao principal, o rei Nemblau, consultava a intervallos repetidos os seus ministros e o seu povo, o qual respondia por estrondosas clamoras, preches de ameaça. Por fim, o Nemblau e o Netumbo resolveram que a entrega dos criminosos era contraria á sua lei, e recusaram-se formalmente a acceder ás exigencias do commandante Andrade. O mais importante dos motivos de hostilidade que apresentavam contra os europeus era que o feitiço do branco comia a chuva, e por isso os mussorongs tinham n'aquelle anno a terra secca.

O commandante, dominando a sua cohera, ainda pretendeu significar-lhes a inconveniencia da resposta e o risco que corriam de soffrer da sua parte um castigo exemplar. A isto, os regulos retorquiram, no meio da vozzeria cada vez mais aterradora da turba, que não receavam a guerra, pois que possiam polvora e balas para se defenderem; e emquanto á ameaça da vinda de navios de guerra, feita pelo commandante, essa não os intimidava, pois que no seu rio nunca elles haviam entrado.

Foi necessaria a intervenção do interprete, manifestando a exacerbação da negraria e o risco de serem todos os europeus massacrados n'um momento, para obstar á replica impetuosa que a explodir dos labios, e vorrentura do braço, do commandante Andrade. Fallido de primeira a tentativa, este retirou-se acompanhado dos seus e seguido de uma turba de mussorongs, até grande distancia os saudaram com uma vivenda ensurdecedora e algumas pedradas.

«A vista d'esta arrogancia», diz José Baptista de Andrade no seu relatório, «retirei-me para bordo, miúdo disposto a dar ao mais forte um exemplo da superioridade da força disciplinada.»

Passava-se isto a 6 de maio. A chegada do commandante, formada a postos a exigua guarnição do brigade, escolheram-se cincoenta praças

para a expedição projectada, a qual devia ser feita de noite e de surpresa, para não dar tempo aos mussorongs de se prepararem para a defeza.

Pelas 4 horas da tarde do dia seguinte, a força, armada e equipada, embarcou effectivamente em um palhote e uma lancha, emprestados pelos negociantes de Banana. A dividida em dois troços eguaes, respectivamente commandados pelos guarda-marinhas Craveiro Lopes e Sampaio, dirigia as operações o proprio commandante, que embarcou na sua canoa, acompanhado pelo enfermeiro Francisco Antonio Meyrelles, que fazia as vezes de medico, cinco negociantes portuguezes, um dos quaes era o ferido José da Silva, e alguns serviaes das feitorias, armados com facas de matto.

A pequena esquadriella ficou fundada junto de terra até proximo da meia noite. A esta hora seguiu para uma praia a meia legua de distancia da povoação de Nemblau. Os approximos de terra, as vigias e os mussorongs, já desconfiados, haviam postado em varios pontos, dirigiram perguntas ás embarcações. Não obtendo resposta, deram signal de alarme para a povoação, e dentro em pouco rompia uma algazarra infernal, cortada de assobios estridentes.

Na praia estendia-se uma especie de ponte, mal construida e com apparencias de decrepitude. A ella atração o commandante Andrade; mas quando elle e os seus companheiros tratavam de a transpirar, as estacas, já podres, partiram-se, e todos elles ficaram suspensos sobre a agua, conseguindo com grande difficuldade pôr pé em terra. Sómente, no meio do tumulto e da escuridão da noite, não perceberam que o pobre enfermeiro, homem já entrado em annos, carregado alem d'isso com uma espada de abdoagem e uma pesada pistola das usadas então, ficára dependurado na estacaria, estrebuchando em vão para alcançar a praia.

Commandante, sem hesitações, seguiu logo avante, embrenhando-se pelo matto, ao passo que os guarda-marinhas, com as forças de mariluncha, se viam obrigados a desembarcar na praia, com agua pelo joelho. Quando pretenderam seguir o commandante, haviam-no perdido de vista. Avançaram ao acaso, pelo meio da espessura, achando-se pela 1 hora da madrugada dentro da povoação, onde achava de fugir toda a gente, cujos gritos de guerra ainda se ouviam a distancia.

Para encontrar facilmente no regresso o caminho da praia, o commandante foi postado de espao no espaço os serviaes negros das feitorias, ao alcance da voz de um dos outros.

No fim de um quarto de hora de procura, conseguiu reunir-se toda a força da expedição n'um ponto onde o matto era menos espesso, e formou-se a marinhagem com a frente para a parte mais densa, d'onde era mais provavel o ataque. Effectivamente, não tardaram a ouvir-se tiros, primeiro a distancia, depois cada vez mais proximos, atravessando algumas balas o espaço onde os portuguezes estavam acampados, sem fealdade, como se diziamos. Os marilunchas começaram a fazer fogo para o matto, esperando a cada momento um ataque impetuoso das innumeraveis bordas de indigenas. Mas, os fossem dominados pelo terror, ou houvessem sido surpreendidos sem apercebimentos bellicos pela subitaneidade da operação, o facto é que até ás 3 horas da madrugada os mussorongs se contentaram com ameaçar as nossas forças, obrigando-as a entreter constantemente o tiro.

Essas ameaças não se limitavam a ser apenas d'ellas e a gritos vagos. Esprimiam-se a miúdo em phrases perfeitamente intelligíveis, explicadas aos officiaes portuguezes pelos interpretes.

«Esperem que o sol usça», bradava uma voz forte, «e nós os mataremos a todos, sem escapar um só!»

O commandante ordenava que se respondesse com outra ameaça. — «Pelo sol esperamos nós, mas é para lhes destruímos as plantações de milho.»

Uma confusão e enorme borborinho acolhia a resposta, indicando que a ameaça calava no animo dos mussorongs, apavorados pela imminencia da fome.

Cabe aqui a narrativa de um episodio, que, no meio da natural anxiedade d'aquelle punhado de portuguezes, isolados n'um país inimigo, presuntindo embuscadas por todos os recessos lobregos de uma floresta compacta, concorreu para lhes illuminar os animos com rebates de estrepitosos alegres.

O enfermeiro Meyrelles ficara embarcado na estacaria da improvisada ponte, procurando com todas as forças alcançar terra. Era elle um homem de idade, muito considerado a bordo, apesar da sua posição subalterna, pelos serviaes que, na ausencia de facultado, prestava com habilidade notavel, tanto no seu navio como ainda nos pontos de terra onde fallavam por completo os recursos da medicina. Quando se den pela sua falta, é provavel que se sentisse bastante cuidado pela sorte do pobre enfermeiro, mas a temeridade de supôr que se attribuisse por ultimo a sua ausencia apenas ao desejo, quasi desculpavel n'um homem a tocar na velhice, de se deixar ficar descansado na causa, emquanto não fossem reclamados os seus serviaes.

Entretanto, o Meyrelles conseguia, á custa de esforços inauditos, avançar suspenso nas estacas até se poder arremessar sem grave perigo para a praia.

Apenas sentiu sob os pés terreno firme, empunhou a espada e a pistola e desatou a correr para a espessura do matto, onde se embrenhou impetivamente, á procura dos companheiros. A alguns passos andados, divison, no escuro da noite, um vulto de roupagens alvaes, immovel, de encontro ao mangal. Um inimigo, por certo! Sem vacillar, avançou para elle, minaz e terrivel, brandindo a espada. Mas, logo, renunciando a esperal-o, o vulto sumiu-se de improviso, saltando um brado rouquenho de pavor. No logar que elle occupava, ficara, como despojo do combate imminente, uma faca de matto que o enfermeiro guardou triumphante.

Seguiu a sua carreira. Mais adiante, outro vulto se lhe deparou, novo ataque da sua parte, nova fuga do atacado, nova faca de matto recolhida como trophes da fôrça victoriosa. Mais não se quantos recontros identicos se succederam, coroados do mesmo brilhante exito. O enfermeiro sentia agitarem-se-lhe em torno da cabeça grasilhas os louros ver-

dejanos dos heroes. Guiado pelo som dos tiros frequentes, chegou afinal ao campo da escaramuça. E os companheiros ficaram attonitos, ao vel-o entrar na clareira onde se achavam, offegante, de cabellos hirtos, olhar esgazado, espada coruscante em punho, sobraçando facas de matto, impando de alegria feroz e triumphal.

As primeiras palavras, porem, da narraçao da sua aventura, uma explosao de gargalhadas o acolheu. Os pretendidos inimigos afugentados e desarmados eram os pobres cabindas, servicas das feitorias, anteriormente postados pelo commandante para servirem de guias no regresso, e os quaes, fiéis á sua merecida reputaçao de cobardes, não haviam hesitado um instante na fuga perante o aspecto furibundo do valente enfermeiro.

Quasi ao amanhecer, chegou um parlamentar do inimigo. Promettia da parte de Nemblau a entrega dos objectos roubados; o regulo porem desejava avistar-se novamente com o commandante, para o que lhe pedia seguisse o enviado a um ponto proximo, onde elle rei se achava no momento, receloso de vir em pessoa ao meio da nossa força. Com a sua habitual audacia, prestava-se o commandante Andrade a acudir ao pedido. Os guarda-marinhas, mais suspetosos, conseguiram dissuadi-lo d'essa temeridade, apprehendendo que a entrevista occultasse uma cilada. Não se enganavam com effeito, como posteriormente se soube.

Desanimados por mais esta decepção, temendo que a sua povoação fosse arrasada pelos europeus, e talvez sobretudo que a destruição do milho os fôrmasse a uma migração em massa, á descoberta de escassos viveres, as primeiras autoridades vieram então heijar a terra aos pés do commandante e prometter, sob os mais solennes juramentos, o cumprimento das suas determinações. Pediam apenas tres dias de espera para entregarem o ladrão que se achava no seu povo, bem como para obrigarem o Netumbo a entregar os que elle acoitava. O commandante Andrade accedeu ao pedido, intimando o rei Nemblau para comparecer na Ponta Banana, na residencia de um dos negociantes, afim de se definirem claramente os deveres e direitos reciprocos de europeus e indigenas; e ameaçou-o, caso se furtasse ao cumprimento d'esta intimação, com forças que infallivelmente viriam de Portugal para occuparem os seus dominios e castigarem a sua desobediencia. Por fim, entregou-lhes as barracas, immunes da minima depredação, generosidade esta que espantou e penhorou sobremaneira os aterrados indigenas. E a força portugueza poz-se a caminho de regresso.

Debaixo de um sol abrazador, chegaram a Ponta Banana, extenuados de fadiga. As febres começaram logo a atacar algumas praças. Ao voltar para bordo, o commandante mandou sondar o rio Banana, tambem chamado lagoa dos Piratas, e reconheceu a possibilidade de n'elle entrar o brigue «Corimba», o que effectou, ainda que com alguma difficuldade, no dia 10 de maio. Este facto, alem da sua conveniencia material,

pela enorme distancia que era preciso vencer desde a bahia de Santo António, na margem esquerda da ampla bacia do Zaire, onde o navio primitivamente se achava, deu aos portuguezes enorme força moral, destruindo no espirito dos pretos a noção que tinham da sua impossibilidade, a qual os enchia de uma segurança relativa.

No dia 13 assignou-se a convenção com os dois regulos, Nemblau e Mampucto, os quaes n'esse mesmo dia visitaram maravilhados o brigue, primeiro navio de guerra que em sua vida haviam visto. Quanto ao terceiro, o principe Netumbo, intimidado pelas ameaças de ataque e destruição do seu povo, expressas n'um dos artigos d'essa convenção, sem demora adheriu a ella, ficando por esta forma definitivamente reguladas, a contento de todos, as relações entre europeus e indigenas na Ponta Banana.

Destruiu-se alem d'isso a fama de quasi invenciveis de que gozavam os mussorongs, considerados todavia pelo proprio commandante da expedição como dotados de verdadeira coragem, pois que, apezar de colhidos de surpresa, desaperecebidos de armas e munições, tinham durante mais de duas horas obrigado as forças europeas a um bem alimentado tiroteio.

Não terminaram aqui, todavia, as difficuldades d'esta campanha do «Corimba». Quando se dispunha a voltar para Loanda, cahiu com febres toda a guarnição, exceptuando o guarda-marinha Craveiro Lopes e um segundo grumete. Aqui se desenvolveu o merito e a actividade do enfermeiro Meyrelles, o qual, enfermo tambem, quasi de rastos, não se poupou a fadigas para salvar os debilitados companheiros, muitos d'elles ameaçados de morte. Já antes d'isso elle havia prestado relevante auxilio a um patacho inglez, vindo de Porto da Lenha, com toda a guarnição doente, salvando-a em tres dias de incessantes cuidados.

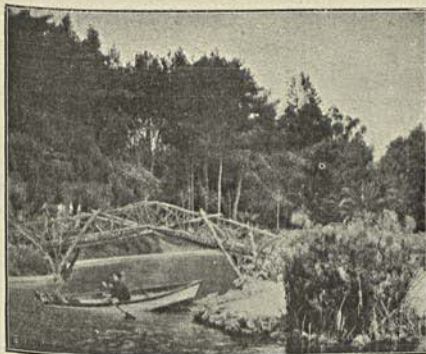
Quanto ao «Corimba», foi preciso reforçar-lhe a guarnição com vinte cabindas especialmente engajados; para tentar a viagem. Encalhou por vezes á sahida do rio, por falta de ancorotes e espias capazes. Partiu-se a retranca, perleu-se um ancorote. Finalmente, tendo sahido a 22 de maio do Porto Banana e a 27 da embocadura do Zaire, a 3 de junho logrou surgir em Loanda, onde quasi toda a guarnição baixou ao hospital. Quasi por um milagre, apenas duas praças falleceram.

Os sacrificios, feitos n'esta e n'outras occasiões pela marinha de guerra no Zaire, foram desgraçadamente improficuos. Nenhuma conjunctura haveria, como esta, propicia para o estabelecimento definitivo do dominio portuguez em Ponta Banana, e seguidamente em toda a margem direita do Zaire. Se tal se houvesse feito, não tremularia hoje alli a improvisada bandeira do Estado Livre, creação absurda e inconsistente da diplomacia européa, deploravel sumidouro dos nossos direitos tradicionaes.

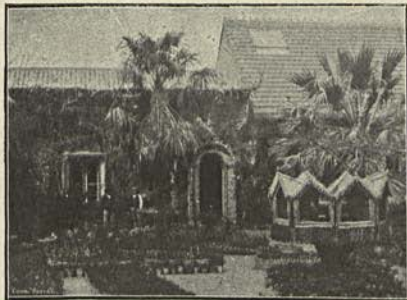
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



O Parque do Campo Grande



A lagoa



O chalet do administrador

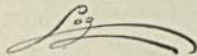
EFFEITOS DA PRIMAVERA



— Ah! Jiquina!
— Ora veja lá t' nko se engrace!



Flores da estação



A alma de Thilda



Claudia de Campos

—Thilda, sou uma voz de homem, batendo-lhe á porta do quarto, adeus, vou á estação esperar o visconde; prompta te, faz-te bonita.

Mathilde Sorel, ainda envolta no roupão de manhã, em pongé creme, articulou apenas um "sim, nervoso, e deixou o irmão retirar-se.

Acabando de torcer e pregar, no alto da pequena e airosa cabeça, os longos cabelos crespos e negros, encostou-se ao peitoril de uma das janelas do seu confortavel gabinete de toilette, situado no primeiro andar do sumptuoso chalet moderno, edificado no meio da quinta que, nos arredores da capital, a familia Sorel possuia, e habitava, durante os mezes de maior calor.

Era uma tarde de verão, serena e doce. Nenhum sopro agitava a lagaria dos ramos verdejantes e das grinaldas floridas.

Mathilde passou um olhar distraído pela paisagem tranquilla, murmurando, n'um desalento que se traduzia na attitude abandonada do corpo comprido e esbelto, na expressão tormentada do formoso e pallido rosto:

— O que devo fazer? Qual o caminho?

A familia desejava casual-a. O visconde de Lemos reunia as qualidades requeridas para um noivo perfeito, sob o ponto de vista mundano — diverso do d'ella. Physicamente, elle não lhe desagradava, mas não o podia aceitar, sem transgír com as suas proprias idéas; com a essencia mais fina da sua alma. Contudo, era preciso tomar partido, dar uma direcção á sua existencia.

Aos quinze annos, a mulher confunde as cousas do mundo moral com os prazeres futeis da sociedade. Depois dos vinte, a consciencia e a intelligencia advertem-n'a, em geral, do engano, e, com essa advertencia, impõe-se-lhe a necessidade de fixar definitivamente o coração, de procurar para elle um ponto de apoio em qualquer cousa nobre, forte e estavel. E a hora em que toda a mulher illustrada, capaz de reflectir, lança um olhar interrogador em volta de si, tenta comprehender-se, definir-se, decifrar a significação da vida, para dar um rumo seguro ao seu destino.

Mathilde atravessava este momento decisivo. Completara, havia um mez, vinte e cinco annos; possuia riqueza e posição social; o padrao era um noivo impoante; a mãe estava relacionada na melhor roda; o irmão mais velho quizera brilhantemente; o outro — o que lhe batera á porta — concluiria o curso de Direito, e tinha diante de si um bello futuro. Apparentemente, tudo se reunia para a tornar feliz, e feliz a julgavam quantos de perto ou de longe a conheciam.

Não era, porém, assim.

A acuidade especial do seu sentir, as doidas aspirações da sua phantasia, a seriedade innata do seu caracter, os seus exceptionaes dons de intelligencia, martyriavam-n'a desde creança. A sua alma ardente e generosa, onde tremiam infinitas susceptibilidades e ternuras infinitas, odiava com calor desusado todo que, por grosseiro ou mau, lhe repugnasse ou a ferisse, e com equal calor amava tudo que se lhe afigurasse bom e bello, tudo que a melhorasse, tudo que a approximasse da perfeição sonhada, e valesse mais do que ella propria.

Era, em Mathilde, a despeito de certos defeitos e incongruencias da sua natureza, uma ancia continua para o bem, como ella o entendia, para um ideal superior, que debalde procurava, que ás vezes lhe parecia não existir em parte alguma. Sempre que, cheia de

esperança, se debruçava para analysar de perto uma consciencia, um sentimento, um acto, deparava com o egoismo, com a hypocrisia, com a miseravel pequenez da creatura humana. E a alma de Thilda contrangia-se, estorcia-se n'uma agonia secreta, sentia-se cruel e baixa, como se n'ella se houvesse distinguido a baixaza das outras almas. Triturava-a, como um soffrimento physico, a amargura das cousas comprehendidas, e do virus ruim que ellas lhe inoculavam.

Em casa, ninguém entendia as suas reservas, as suas subitas ironias, as suas repentinas exaltações, as suas extranhas antipathias; mobil secreto que detornava a apparente contradição das suas palavras e do seu modo de proceder.

A mãe, sentimental vaidosa e trivial, votada ao culto da sua pessoa, fugia ás discussões com aquella filha quasi intratavel, cuja presença a arrefecia. Entre Thilda e o padrao da desintelligencia era maior ainda. Especulador astuto, que attingira o cubiceado alvo sem escrupulos nos meios, elle symbolisava-lhe o phariseo opulento, phariseista da mentira social sob todas as formas, sem convicção, por mero interesse. Até a sua philanthropia systematica e tão louvada, lhe era odiosa. Ah! Thilda conhecia menos mal a philanthropia dos ricos, como menos mal conhecia a comedia da vida que a cercava. Que lições, sem o suppreme, os dois irmãos, ambos mais velhos do que ella, lhe haviam dado! Sob que prisma desolador, ao escutar-lhes as confidencias, ao presenciar-lhes as aventuras, ao observar-lhes as attitudes, ella aprendera a vér os homens, o amor, o casamento! Correntes de azares, de dozeas, *flirts* sem desculpa de sinceridade ou de illusão, fraquezas inconfessaveis, mystificação premeditada, mentira tacita, constante, tudo isso ella surprendera, e de tudo isso sabia ser composto o ser masculino, ou, pelo menos, o ser masculino da sociedade onde se movia.

D'esta sorte, o amor assustava-a sem deixar de tental-a. A' superficialidade, enfiava-lhe, instavava-lhe devaneios e caprichos, e lá dentro, nos mais fundos recessos de si mesma, a solidão e agonia, o tempestuoso refluir de uma poderosa corrente de sentimentos, que não tinham objecto onde fixar-se.

— Qual o caminho, meu Deus, qual o caminho? repetiu Mathilde pela segunda vez.

O que devia fazer da fortuna, da independencia, da mocidade? Em que empregar as energias poderosas do seu coração e do seu cerebro, que ninguém estimava, que a ninguém interessava? Deixar, por cobardia ou indolencia, as cousas continuarem como até alli, era, não o ignorava Mathilde, embotar parte d'essas energias, adulterando outras e pondo-as ao serviço de cousas reprehensiveis, que a maldade humana lhe fazia brotar de dentro, comoervas damninhas que sem cessar lhe sugavam a agua das mais crystallinas fontes da alma. O que lhe restava? Prender-se no casamento, sem um affecto intenso, exclusivo, puro, feito de confiança, de estima, e de comprehensão reciproca? Sahir d'aquelle meio? E como? Com que fim? Quem a aconselharia? Onde encontrar um refugio que a defendesse de si propria e da vida?

Vendo que se fazia tarde, a creada, ha bocado esperando as ordens da ama, advertiu:



— Déram quatro horas, minha senhora, já estão na sala bastantes visitas... que vestido devo trazer?

Assim, interrompida, Mathilde voltou á realidade. Lembrando-lhe que era o dia de annos do irmão mais velho, que já tinham convicções a jantar, virou costas á paisagem, que lhe não sabia transmitir uma boa inspiração, escolheu — como muito mulher que era — a toilette mais elegante, a que a modista lhe mandára na vespera — em seda ligeira, cor de rosa, com incrustações de renda — e foi lentamente preparar-se.

Eram cinco horas quando Mathilde sahio dos seus aposentos.

No corredor, deparou com a mãe. A creada Luiza contava lhe que estava na cosinha a Maria da Luz, a pedir uma esmola, accrescentando:

— Tem-se feito uma tal pedinchona! Quanto mais leva mais quer... No logar da sr.^a Helena não lhe dava tão cedo nada, para a ensinar.

D. Helena approvou a opinião, de accordo com a sua; e mais teve escrupulo de pô-la em pratica, logo no anniversario do filho.

— Dá-lhe por esta vez ainda alguma coisa, o que te parecer, e manda-a com Deus.

A côr subiu, n'um impulso de colera, ás faces brancas de Mathilde. Não podendo expandir a indignação por outra fórma, reprehendeu a Luiza com a maior aspereza, sob um futil pretexto.

— Ainda bem que não sirvo a menina, resmungou a serva, esquivando-se.



— Como tu tratas os creados, Thilda! admoestou a mãe com azedume.

Como ella tratava os creados, é verdade! Mas, se ninguem era mais generoso e mais brando ante a generosidade e a bondade, ninguem mais intransigente nem mais duro quando deparava com certas vilezas. Ella defendera uma vez, com calor, a Luiza, contra as injustiças dos irmãos. Essa defeza fizera-a reentrar nas boas graças da mãe. E como lhe pagara Luiza? Revelando-se uma torpe mercenaria, uma aduladora perfida, prompta sempre, por interesse pessoal, a tomar em tudo contra ella e o partido dos outros.

Mathilde desceu ao rez-do-chão, indo direita á cosinha, deveras contrariada das suas inuteis revoltas. Desesperar-se, para quê, se nada com isso emendava?

A um canto, junto da chaminé, sentava-se, humilde, a Maria da Luz. Servira oito annos a familia Sorel, casára, enviuvára, e agora via-se sem recursos, doente e com tres creanças.

— Pobre Luz, não estás melhor? indagou Thilda com meiguice.

— Não, minha senhora, eu não duro muito, balbuciou a creada commovida, e pensando-se.

— Que idéa! retorquiu Mathilde, e mais baixo, tirando da bolsa de malha de ouro uma nota de cinco mil réis: 'E' para te tratares, não digas a ninguem... e perdona a miseria que a Luiza te dêr.

D'alli a um instante, Mathilde entrava na sala. Estava mais serena, mais bem disposta, porque tinha a adoçala, a allivial-a, a expressão de infinita sympathy em que os olhos da Maria da Luz a envolveram. Dirigiu-se, amavel, ás pessoas presentes — as duas Loredos, a loura condessa de Lima, sua antiga companheira de collegio, alguns amigos do padrao, o elegante visconde de Lemos, e mais quatro ou cinco rapazes, collegas dos irmãos.

— As Avellares que chegam, avisou Amelia Loredo, passando para a quinta pela larga porta de vidros, e indo ter com ellas.

Todos a seguiram.

Mathilde parou junto do caramanchel coberto de rescedente baunilha, a ajustar no peito o chow de gaze que se havia desprendido.

O visconde, que ia ao seu lado, parou tambem e aproveitou o ensejo para dizer a Thilda, com apaixonada audacia:

— Está linda hoje, mil vezes linda, linda como nunca a vi!

A voz accentuadamente viril do homem interessante e forte, em pleno vigor da mocidade, que assim lhe fallava, tinha intonações

volutuosas, quentes, que iam repercurtir-se no ser de Mathilde, e que a perturbavam, mau grado seu. Não era amor, bem o sabia — ou, pelo menos, o amor ao qual aspirava — aquella impressão; era uma cilada dos sentidos, um impulso obscuro da sua feminilidade, que ella precisava combater. Que desgraça, com o seu feitio, se deixasse submeter as forças affectivas a um unico motor!

Reagindo com esforço contra a mysteriosa influencia, que lhe accelerava o pulsar das arterias, replicou, graciosa:

— Obrigada pelo cumprimento. E' bom ser bonita... agradecer...

— Agradar... e ser amada, atalhou elle.

— Ser amada é divino, amando, accentuou Mathilde, sem desfiar as roseiras em frente, como se para ellas fossem destinadas as suas palavras.



— Sim, amando... E ama?

A ardente e subita interrogação que sobre ella pousou, enervou-a mais. Arrouxou a força de vontade que a amparava. A coragem para pronunciar uma phrase decidida, que acabasse com aquella situação, faltou-lhe. As palpebras descidas encobriram o que o olhar não quiz traduzir. Os labios puderam ficar mudos; mas, como a sublinhar-lhes o silencio, floriu n'elles um sorriso enigmatico, um sorriso de Joconda.

O visconde sorriu igualmente, sem nada mais dizer, enquanto Mathilde se afastava. Elle tinha experiencia e paciencia — paciencia baseada sobre a frivolidade, a vaidade, a sensualidade das mulheres, sobre todas as fraquezas que ellas commpartilham com os homens. Todavia, tratando-se de Mathilde, aquella que só contasse com as fraquezas, pondo de parte a fé intima, a delicadeza, o lado superior, ia illudir-se por completo.

— Senhora D. Mathilde, minha senhora...

Quem assim a saudava, um pouco aparte do grupo dos convidados, era o advogado Jorge de Souza, muito da familia Sorel, desde que lhe ganhára um processo.

Robusto, de estatura mediana, rosto sem attractivos, moreno e austero, o Dr. Souza gosava de bastante consideração, pela sua reconhecida probidade de caracter. Tinha quarenta annos, possuia alguns bens de fortuna, vivia só, tendo ficado muito cedo orphão de pae e mãe. Fizera, n'uma causa celebre, a reputação como pensador e orador, e desde então tornara-se um dos advogados de maior nome e de maior clientela.

Mathilde retribuia, affavel, o cumprimento, surpreendida de o ver alli, pois ignorava que tivesse regressado já da viagem que na primavera emprehendera pela Europa, satisfeita ao mesmo tempo de ir, na sua conversa instructiva e seria, um derivativo ao mal que a torturava.

De quantos conhecia, era aquelle o unico homem em quem a malicia mundana jamais descortinara uma aventura. Não se lhe apontava um escanalo, um episodio equivoco. A opinião publica, se o classificava de misanthropo e de excentrico, era unanime em proclamar-o absolutamente honesto. Mathilde respeitava-o por isso, e pela grande e bem cultivada intelligencia que lhe reconhecia. Se alguem no mundo lhe pudesse inspirar confiança, era, decerto, o Dr. Souza. Contrariava-a o não ter nunca podido impressionar a seu favor aquella alma concentrada, reservada até parecer insensível. O que pensava elle no seu fôro intimo? O que amava? Que opinião fazia d'ella?

Mathilde tinha idéas muito elevadas e muito generosas sobre o sentimento que deve unir, para a vida inteira, um duplo destino. O amor superficial e sentimental das antigas heroínas, pelos Lean-

dos de comedia, pelos elegantes de vinte annos, que outros meritos não possuem alem da juventude, dos côrtes dos fatos e do retorquido dos bigodes, cedia n'ella o logar a uma concepção menos instinctiva e mais alta; a subordinação quasi constante da paixão physica á paixão moral. Uma vez, contaram-lhe o altruismo, a dedicação de Jorge de Souza para com os pobrissimos clientes. Ella enthusiasmou-se, fallou-lhe do caso, sonhando ir ter, emfim, alguém que a comprehendesse, alguém que a amasse, talvez, com desejaria ser amada. Sem desannuiar o parecer, o Dr. Souza interrompeu os elogios por uma phrase polida e secca. Mathilde penalizou-se, retrahiu-se, e não luctou mais contra aquella muralha inexpugnavel.

O padrao de Mathilde veiu interromper o e dialogo, batendo amigavelmente no hombro do Dr. Souza e interrogando-o sobre assumptos de negocio.

Algumas senhoras voltaram á sala; outras ficaram a conversar com os rapazes, no largo, em frente da porta de vidros.

Aproveitando a distração geral, Mathilde enfiou sózinha pela comprida e estreita rua de eucalyptos, á sua direita.

É mais do que nunca desgostosa e aborrecida. Odiava as suas incoherentes hesitações, as suas eternas transigencias e perturbações. Era preciso saber *querer*, dominar instinctos perigosos, oppoñdo-lhes a reflexão. Que estúpida scena a do caramanchel! E tão facil de evitar! Porque a não evitaria? Aquella não era a conducta approvada pela sua alma, a conducta que havia de conduzi-la á felicidade ambicionada. Mas o que fazer para attingi-la? E encontrar-a-hia? Quando?

Mathilde esboçou um gesto de desanimo, o olhar tornou-se-lhe, a physionomia triste contrahiu-se-lhe. Parecia-lhe ir boiando á tóa, n'um mar de trevas, n'um mar onde jamais brillaria a claridade de uma luz redemptora, onde jamais avistaria um porto seguro que a abrigasse.

A sua meditação, que adquirira uma grande intensidade porque, não sendo derramada em confidencias, se concentrava em si propria, tornando-se por esse motivo mais ardente e mais dolorosa, deixou-a surda aos passos de alguém, que seguia pela mesma rua.



Lá ao fundo, junto ao lago polido como uma superficie de crystal, emoldurado de lyrios multicores, estrelado de brancos nenuphars, sombreado pela doçura plangente dos chorões, duas creanças que brincavam prenderam a attenção de Mathilde, fizeram-n'a suspender o passeio e abstrahir dos seus pensamentos.

Eram os dois filhos do quinteiro. Um pequenito de sete annos, typo de camponez, gordo e vermelho, e uma pequenita de seis annos, franzina e loura, de grandes olhos escuros.

Ella emballava uma boneca, de caracões e traje de seda; elle atrellava a um carro de madeira, dois amafados bois de cartão.

Ambos os brinquedos eram presentes de Mathilde e da mãe.

Queria o pequeno que a irmã sentasse no carro a boneca, e o deixasse dar umas voltas em redor do lago. A pequenita não accetou o alvitre. Elle teimou e conseguiu fazel-a ceder. Os bois partiram á desfilada. Aos primeiros solavancos a boneca, grande demais para o acanhado vehiculo, foi arremessada do carro, indo partir, de encontro a umas pedras, a cara de porcelana. Em gritos afflictivos, a pequenita correu a acudir-lhe, redobrando de lagrimas e ais quando verificou a desgraça succedida. O irmão, contentes com a proeza, desatou a rir sem dó, fazendo-lhe a surrada e carente. Então, a pequenita não ponde conter-se. Vermelha de colera, largou a boneca, atirou-se n'um repente ao carro e aos bois e lançou-os com violencia ao lago. Espantado e aturdido, o rapazito desatou por

sua vez em pranto. Tentou bater na irmã, que o fitava tremula, em ar de desafio.

Mathilde, até alli mera espectadora, interpoz-se, defendeu a pequena, movida pela secreta sympathia que lhe despertara aquelle movimento de revolta contra a crueldade, contra a dureza de um ente. Era assim, ella tambem.

— Mau! bradou a creança ao irmão.

— Muito mau! repetiu alto Mathilde, com tanta vehemencia, como se fosse ella propria a offendida.

Depois, curvando se para a pequena, consolou-a com o maior carinho, prometteu-lhe outra boneca. Tirou da algibeira a 'bomboniere', de prata e derramou-lhe no bibe as pastilhas de chocolate que trazia. Assim animada, a creança serenou e começou a saborear os doces. Este novo espectáculo fez recrudescer os soluços do irmão.

— Quero os meus bois! Quero o meu carro! Has-de ir buscal-os, clamava, n'uma voz cada vez mais estridente.

Mathilde observava os dois, cheia de interesse.

A pequenita continuou a comer, calada, mas, a pouco e pouco, a expressão do rosto infantil ia se modificando, até que, fremete de meiguice, um sorriso angelico a abrir-lhe a boquinha rosada, uma compaixão infinita a humedecer-lhe o innocente olhar, disse, tímida:

— Mano, não chores mais, não chores!

E como elle continuasse na mesma afflicção, aproximou-se e entregou-lhe o resto das pastilhas, que o guiso cubicava.

Empolgada pela belleza moral d'aquella açção imprevista, Mathilde correu para a pequena, tomou-a nos braços, cobriu-a de beijos, murmurando:

— Minha filha! minha filha! Queria que fosses minha irmã!

Quando Thilda depoz a creança no chão, é que reparou, admirada e confusa, no Dr. Souza, quasi ao seu lado, a contemplar-a.



— Desculpe V. Ex.^a a minha indiscreção, explicou elle com uma voz commovida, uma voz que ella não lhe conhecia. Trouxe-me a este lago o passeio pela sua formosa quinta, e tanto me captivou o que presenciava...

— Que se deixou ficar, como observador.

Concluindo a phrase, que Jorge de Souza suspendera em meio, Mathilde atreveu-se a encara-lo.

Então, no rosto do homem que a fitava e que o sentimento transfigurára, ella ponde vêr o que até alli nunca vira em nenhum rosto humano: a expressão da mais elevada e comprehensiva sympathia e do mais puro e doce enlevo que podem brotar de um coração e de uma intelligencia. Era a primeira caricia verdadeira, a primeira homenagem sentida á sua individualidade moral, a tudo que de bom, que de melhor havia n'ella. Foi como uma luz divina que a banhou inteira, que lhe illuminou os mais intimos, os mais sagrados recantos do seu ser — as profundezas onde habitam anjos.

Sem uma palavra, a sorrir deliciosamente, com lagrimas de ventura a aljofrarem-lhe as faces, Mathilde estendeu a mão ao seu futuro companheiro, que lh'a beijou em silencio. Por um impulso muto, os olhos de ambos procuraram-se, interrogaram se, e as almas osuaram confessar-se, mostrar-se um instante sem véus, como ellas só se mostram no amor, no soffrimento, na solidão, na presença de Deus ou em frente da morte.

Entretanto, anouteia. As creanças, feitas as pazes, haviam desaparecido, de mãos dadas, na matta de meopros. Os passaros acolhiam-se aos ninhos, n'uma atordoadora chilreada. Cantavam com mais força os grillos na relva; coaxavam as rãs á beira d'agua. As tintas violetas e rosadas do crepusculo esbatiam-se pouco a pouco, diluidas n'um oceano de sombras, que apagava contornos e formas.

Pelo espaço, no azul retinto, accendiam-se lentamente as constelações. Na atmosphera, espargia-se um perfume vivo e morno, a essencia requintada e entontecedora de cravos, rosas, jasmims e magnolias, que bordavam de matizes os canteiros e floriam as alamedas.

O som de uma campainha, ao longe, annunciou que o jantar ia servir-se.

Perto, chamavam por Mathilde as vozes das Loredos e da condessa de Lima.

Ella respondeu-lhes, alegre, e um momento depois, todas reunidas, precedendo o Dr. Souza, o visconde, outros convidados e os donos de casa, retrocediam pela rua de eucalyptos, sem que ninguém da familia, nem d'entre os extranhos, suspeitasse que a inquietada alma de Thilda encontrara, enfim, o seu caminho.

CLAUDIA DE CAMPOS.



Frederico de Gusmão Correia Arouca

† no Monte Estoril a 6-3-1902

O conselheiro d'Estado Frederico Arouca, cuja morte, inesperada, compungiu todos os que o conheciam, — quasi o paiz inteiro — habituado a vê-lo tão elegante na sua figura desempenhada e "chic", e tão sympathico, na sua phisionomia insinuante e amavel veio de novo mutitar em dois partidos da rotaçao politica em Portugal, — o regenerador — que ha dez annos tem veridico successivamente quasi todos os seus marcehas. Muito novo, e adoeado em Lisboa, veio ao parlamento e ahi se distinguiu logo como bom argumentador. Mas elle tinha uma eloquencia especial que era exactamente aquella que mais o distinguia, a eloquencia da sua propria personalidade, isto é, a voz masculina e agradabilissima, o gesto naturalmente elegante e a dicção insinuando-se persuasiva sem tons declamatorios, hoje "dimodés". Ouve-o era sympathizar logo com elle, vel-o era sentir-se mais "dimodés". Ouve-o era sympathizar logo com elle, vel-o era sentir-se mais "dimodés". Ouve-o era sympathizar logo com elle, vel-o era sentir-se mais "dimodés". Era essa a sua grande forza, que o levou a deputado; que do deputado fez ministro, e do ministro diplomata, e que por fim lhe reservou um logar no conselho d'Estado, a mais importante corporação politica, porque n'ella impende a responsabilidade do conselho ao chefe do Estado nos mais altos problemas da governação.

A Camara dos dignos pares do reino a que elle pertencia agora occupando a vice-presidencia, prestou-lhe homenagem pela palavra do chefe do governo, seu chefe politico; dos dois "leaders", dos partidos e a Camara dos Deputados, por onde elle começara a sua carreira politica, fez-lhe igualmente uma manifestação sentida.

O conselheiro Arouca fora em tempo ajudante do Procurador Geral da Corôa e estava hoje aposentado como vogal do Tribunal de Contas. Foi ministro das Obras Publicas e dos Estrangeiros, plenipotenciario em Londres e era Vice-presidente da Commissão Administrativa da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Conquistas humanas

DIRECTA-SE para 1904 um congresso em Roma, em que se exporão as conquistas definitivas do saber humano em materia philosophica.

Tem indubitavelmente perdido os conhecimentos humanos nestes ultimos tres seculos, mas o que a humanidade menos conhece, é a si propria, de modo que derivam dessa ignorancia luctas incessantes.

Os conhecimentos humanos que constituindo corpo de doutrina se chamam sciencias exactas, são, para todos, conquistas definitivas, e, por mais seculos que decorram, ninguém jamais conseguirá provar que o quadrado da hypotenusas não é igual a somma dos quadrados dos dois lados do triangulo rectangulo, ao passo que uma reacção ainda hoje desconhecida poderá desdobrar em dois um corpo considerado simples actualmente.

Mas, em materia philosophica, desde Socrates e Platão, a verdade de um dia tem sido considerada o erro do dia seguinte, umas vezes por vaidade e má fé, outras pelo fervor à tradiçao e aos principios religiosos, de modo que tem sido difficil estabelecer-se, para o maior numero dos homens, qual é a verdade definitiva, mesmo porque os piores cegos são sempre os que não querem vêr.

Ha o determinismo? Não ha o determinismo? O determinismo vital é absoluto? A liberdade do homem é uma illusao? A vida do homem não passa de phenomenos mecanicos? E em tal caso, o que significa a moral?

O professor J. Grasset de Montpellier acaba de publicar um livro intitulado os *Limites da Biologia*, no qual pretende sustentar que os phenomenos vitais não estão sujeitos ás leis da physica e da chymica, as quaes sendo sciencias que estudam os phenomenos ligados à estrutura dos corpos brutos, não podem explicar a vida, apanagio dos seres vivos.

Assim, diz o professor Grasset — Creio firmemente que a Biologia é, e ficará sendo uma sciencia separada, distincta e irreductivel à sciencia physico-chymica. Comtudo não se pode dizer que seja desarrazoado supôr que um dia achar-se-ha o meio de passar de um corpo bruto para um corpo vivo, e por conseguinte unificar estas duas sciencias. Não creio que isto succeda, mas reconheço que pode succeder.

Ou o professor Grasset argumenta de má fé, ou tendo-se alistado n'um campo, sente-se arrastado para o campo contrario com a sua contradictoria confissão de que não herdando que se possa passar de um corpo bruto para um corpo vivo, reconhece todavia que isto pode succeder.

A observação dos seres vivos leva-nos a considerar a manifestação essencial da vida, a *assimilação*, a qual é uma fabricação continua de substancia viva, como fazendo parte do grupo dos phenomenos materiaes que se classificam de chymicos; e como os phenomenos chymicos não se produzem sem accompanhamento de phenomenos physicos, eis porque a assimilação ou a vida é acompanhada da produção de calor e electricidade.

E accompanha-se tambem de *consciencia*, tanto quanto uma pessoa pode apreciar por si mesmo; isto é, uma agglomeração viva está constantemente ao corrente de uma maneira mais ou menos synthetica do conjunto dos phenomenos chymicos que se passam em si, e da repercussão dos movimentos exteriores sobre o seu estado de equilibrio momentaneo, de modo que um estado de consciencia vem a ser a traducção de um conjunto de movimentos que se fazem no nosso ser, no momento considerado. Quando um passaro voa diante de nós, não sabemos que modificação se produziu nesse momento na nossa retina, no nosso cerebro e em todo o nosso individuo, e ignoraríamos totalmente a nossa estrutura, se a não conhecêssemos pela nossa consciencia. Mas, se não sabemos qual foi a modificação que a passagem do passaro produziu na nossa retina, temos poren a consciencia da sua passagem, não podendo deixar de concluir que a synthese de um conjunto de movimentos simultaneos é acompanhada de uma representação synthetica deste conjunto.

O homem sendo uma aglomeração da materia em movimento, os seus estados de consciencia são syntheses successivas da consciencia dos seus movimentos elementares.

Ora é pelos seus estados de consciencia successivos que o homem tem conhecimento do que se passa dentro e fóra de si. E' pois evidente, para que um facto exterior possa ser conhecido do homem, que esse facto reflecta de uma maneira qualquer sobre os movimentos interiores do seu corpo.

A physica ensina que o homem pode ser attingido por muitos movimentos vibratorios, seja por meio de corpos ponderaveis, seja por intermedio do ether, e que o homem possui precisamente orgãos como os de sentido, cuja materia é impressionavel por esses movimentos vibratorios.

Os homens da fé explicam que todos os movimentos do corpo humano são dirigidos pela *alma* espirital. No estado actual da sciencia, o philosopho russo J. Novicov diz, pelo contrario, no seu notavel livro — *As lutas entre as sociedades humanas* — que o atomo sem movimento é uma entidade metaphisica tão inconcebivel como o movimento sem atomo.

Se a vida é um phenomeno physico-chymico, o determinismo vital é absoluto, a liberdade uma illusao, e a moral não pode ter o sentido que se lhe dá.

Mas, seja como for, é innegavel a imperfeição da nossa actual moral, debaixo do ponto de vista da felicidade da sociedade humana. Talvez, se fosse perfeitamente conhecida a natureza do homem, o conjunto dos principios de uma nova moral estaria em contradicção com a concepção actual do bem e do mal... Talvez approvassemos cousas

que hoje consideramos perniciosas, e talvez estejamos reprovando actualmente cousas que seriam convenientes para o bem estar da humanidade.

O que qualificamos sentido do bem e do mal, é uma particularidade do nosso cérebro que resulta da hereditariedade, como os nossos outros caracteres. Em relação aos seculos passados, as condições da vida humana acham-se muito modificadas, sendo provavel que uma particularidade da nossa moral hereditaria, não só não seja adequada ao meio em que vivemos, mas até lhe seja prejudicial, o que não impedirá que a hereditariedade a conserve muitos annos, através de longas gerações. A verdadeira moral, para merecer este nome, deverá adaptar-se as condições em que se perpetua a nossa existencia.

E os animaes terão uma moral?

Com certeza não a tem igual á dos homens. O que se considera um bem para o homem, pode ser um mal para o castor e para o gallinaço, mas os castores e os gallinaços devem ter conservado, como o homem, traços hereditarios no cerebro que se devem chamar a consciencia moral dos castores e dos gallinaços. São notaveis os exemplos de abnegação e dedicação das abelhas. E aos que duvidarem da intelligencia dos animaes, aconselhámos a leitura do livro de J. Romanes *A intelligencia dos animaes*, publicado em 1887. Certos passaros pavoneiam-se diante das fêmeas para as vencer pela belleza da sua plumagem, outros dançam, sendo a victoria concedida ao que dá os pulinhos com mais elegancia, e outras vezes a fêmea dá-se ao passado que se apresenta como melhor cantor e artista, de modo que essas relações não tomam unicamente um caracter physiologico, mas tambem um caracter psychico. O que pode ficar definitivamente assente, é que, se o animal não é livre, o homem não o é mais.

Os que admittem que é a alma ou o espirito que dá o movimento ao corpo, sustentam com extranha incoherencia que a materia é incapaz de produzir o pensamento, porque este não tem peso, nem extensão, e não é divisivel, e porque as qualidades da materia lhe são precisamente oppostas.

Ora, os antigos consideravam como materia os corpos pesados, e julgavam que o ar não pesava, considerando o vento como sópro divino agitando as folhas das arvores, do mesmo modo que os seres vivos formados de materia eram igualmente postos em movimento por influencia de uma substancia subtil, a alma, que os agitava, como o vento agita as folhas.

Mais tarde reconheceram-se que o ar é pesado, e não podia ser comparado á alma, passando a explicar-se os diversos phenomenos vitales pela intervenção dos deoses, nos quaes eram assim representadas as forças da natureza. A palavra materia não conservou a significação primitiva, representando no principio corpos solidos e liquidos, comprehendendo mais tarde os gases, e sendo considerado o peso, como a sua qualidade caracteristica. Mas, depois, foi descoberto o ether que não é pesado e não é divisivel, e cujos movimentos podem influir sobre a materia ponderavel, e actuar sobre os nossos sentidos, e que, sem ser immaterial

como a alma, recebe movimento e o transmite, e podendo por tanto produzir o pensamento, uma vez que não possui as taes qualidades que lhe são oppostas.

Todas as manifestações vitales resultam da estrutura material dos corpos. Se o cadaver não manifesta em idênticas condições os mesmos phenomenos que o ser vivo, é porque o cadaver é materialmente diferente do ser vivo. Ha no homem, como nos outros corpos, transformação de movimentos e não criação de movimentos; e todos os phenomenos que n'elle observamos, explicam-se pela transformação de um movimento preexistente da materia, a qual é *tudo quanto existe*, não podendo o cerebro humano preoccupar-se com o que não existe.

Na phase mais elemental da vida, a acção do meio exterior se exerce somente debaixo da forma de nutrição. Mas com o desenvolvimento do organismo, apparecem os sentidos; e o calor e a electricidade começam a exercer a sua acção sobre o ser vivo. Todos estes agentes operam mudanças no agrupamento dos elementos vitales, e mais tarde, quando os centros nervosos se amplificam, quando o cerebro torna-se um orgão em que se formam as imagens, idéas e sentimentos, os mesmos phenomenos se reproduzem sob o aspecto psychologico. O determinismo entra portanto no dominio da sciencia, sendo possivel talvez determinar-se um dia experimentalmente se o homem é livre ou não. Será menos facil que para os corpos brutos, por ser o homem um mechanismo muito complexo, sendo quasi impossivel conhecer em um momento dado o estado exacto da sua engrenagem, porque varia incessantemente, não sendo comparavel consigo mesmo em dois momentos distinctos da sua existencia, e não sendo possivel affirmar-se, se, em certas condições, elle teria podido proceder de maneira diferente do que procedeu.

Para a maioria dos individuos a existencia de um principio immaterial dirigindo a materia inerte, é ainda hoje um *artigo de fé*, sobre o qual não admittem discussão. Para outros, o estudo dos seres inferiores arrasta a creença no determinismo vital que se pode determinar experimentalmente com mechanismos simples, e concluindo-se por analogia dos animaes mais simples para os mais complicados até o homem. E, se não podem dar do determinismo humano uma prova directa, com o que cessariam todas as duvidas, elles decompõem as funções vitales do homem em elementos determinados, e concluem que a synthese destes elementos é igualmente determinada. Para elles, o homem é na materia em movimento, um agrupamento momentaneo, ou antes uma successão de agrupamentos momentaneos de elementos materiaes; e não havendo no homem senão materia em movimento, a synthese deste movimento é consciente, e portanto os *movimentos da materia são conscientes*.

Não se pode affirmar que a materia em geral seja consciente, mas, em relação áquella de que somos constituídos, a unica de que podemos observar a consciencia, não podemos com os dados actuaes da sciencia, deixar de consignar que é *consciente*. E aguardemos o congresso de Roma.

C. DE BRITO

Typos das ruas

DO RIO DE JANEIRO



A bahiana

DE LISBOA



A vendadora de agua

Visconde de Paraguassú



† 24 Junho 1901

desaparecendo mysteriosamente no alto mar, o Almirante Salvedor Correia de Sá e Benevides, 3 vezes Governador do Rio de Janeiro, um dos vultos mais celebres da Historia do Brazil, terror das caravelas de Hollanda e um dos restauradores da cidade da Bahia em 1625, e de D. Francisco Barreto de Menezes, Governador Geral do Brasil, o inolevel horde das batalhas de Guararapes.

O visconde de Paraguassú formou-se na Alemanha em sciencias juridicas e sociais, em 1836. Voltou por essa epocha ao Brazil, onde pouco tempo se demorou, e, no seu regresso á Allemannha, ali fez residência. Publicou alguns livros interessantes, e collaborou brilhantemente em quasi todos os jornaes da Bahia e do Rio de Janeiro. O governo imperial nomeou-o consul geral do Brazil em Hamburgo, cargo que desempenhou durante 40 annos, e de que se demittiu ao proclamar-se a Republica. Fôz as commendas de Christo e de Izoza.

O visconde de Paraguassú, fallecido em Hamburgo ha poucos mezes, foi um dos filhos do Brazil que mais tem sabido honrar a sua patria, honrando as tradições cavalheirescas da sua raça.

Em 1813 nasceu na Bahia este illustre brasileiro, descendente de Egas Moniz, o famoso aio de D. Affonso Henriques. O Dr. Francisco Moniz Barreto de Aragão e Menezes era filho do barão do mesmo titulo, Salvedor Moniz Barreto de Aragão e Menezes, e de D. Theziza Clara Fianca, filha do barão de Rio de Contas, 1.º presidente da então provincia da Bahia. Seus avós paternos foram: o Capitão-mór Antonio Moniz E. de Aragão e Menezes e de D. Luiza Zepherina Coelho Ferreira, filha do famoso mestre de campo Luiz Coelho Ferreira, da illustre Casa de Balemio, e um dos homens mais emoleres da Bahia, no seculo XVIII.

Na lista dos seus antepassados figuram: D. Balthazar de Aragão o legendario Alcaide mór da Bahia, que dá suas custas construiu, armou e equipou galéas de guerra para sairer dos mares brasileiros a armada hollandesa, e

Em Coimbra lança elle o primeiro brado de revolta contra a tyrannia litteraria dos Velhos; e de lá cria, assim, uma força desconhecida entre nós até aos seus dias: a semcerimonia dos moços para com os deuses, a irreverencia perante theocracias litterarias.

Mas, como documento de maxima valia para nos attestar a decisiva importancia espiritual do Poeta no seu tempo de Coimbra, depois do *Raio*, do *Bom Senso* e *Bom Gosto*, do poema *Beatrice*, dos versos que reúne nas *Primaveras romanticas*, de poesias e artigos seus espalhados em gazetas e revistas academicas — eis as *Odes Modernas*, tam nobremente e humanamente cantadas durante a sua epocha d'estudante.

Se Anthero enceta em Coimbra a jornada moral dos *Sonetos*, se ahi, pelo seu exemplo de insubmissão, de critica, tão antherianamente influê na sua geração intellectual, cria uma *Escola*, e nos dá um livro que inicia um movimento fecundo, como é que, representando o tempo em que escrevia as *Odes*, é *querer symbolisar o bohemio estudioso?*

Por todo o seu agitar de idéas, por toda a abundante e fecundante expansão d'alma que, morta a mocidade, vai, já esganada do mal, viver o Drama da sua existencia interior; por toda a sua violenta juventude de arte e de acção, onde em muitos Passos se adivinham já as tragedias futuras, no desenvolver o definir do character, bondade, revolta — Anthero em Coimbra é o *porta-estandarte* das idéas modernas, como elle a si proprio se chama depois na Autobiographia.

E consagra-o num Busto que no-lo dá moço, e erguido ahi, onde tambem amou a unica Mulher que atravessa a sua obra, é consagrar, em frente de mocidades ou velhas ou maldosas, uma mocidade heroica de cuja sinceridade heroica nasceram forças novas e puros exemplos.

Em poder do Doutor Philomeno da Camara, um dos maiores amigos e o mais devoto camarada de Anthero, existem dois retratos da época, documentos bastantes para o escultor nos dar authentica a divina cabeça.

*Falta um pedaço de bronze e licença da camara municipal, escreveu Fausto Guedes Teixeira; ha de conseguir-se, em dois dias, ou em dois annos.

Ha de conseguir-se.

A' aggressão do auctor do artigo não se responde; porque elle não tem litterariamente cotação bastante, mesmo para ser insultado.

7 — Março — 1902

AFFONSO LOPES VIEIRA.

O Busto de Anthero

No *Brasil-Portugal* publicou-se um artigo, a que estas breves palavras respondem, (ainda e só por devoção pelo Poeta) d'onde dois propositos ressaltam: o da condemnnação da idéa d'um monumento a erigir a Anthero de Qental, em Coimbra, e o da aggressão pessoal a quem iniciou, entre antigos camaradas e amigos, esse movimento.

*Ora Anthero de Qental não foi grande em Coimbra, nem por lá ter sido educado., *Representá-lo em moço é querer symbolisar o esturdiado bohemio. . . .

Anthero de Qental foi grande em Coimbra; e esse periodo de commovida arribada á vida, de coragem moça, de elegancia moral e tanto coração, que os maiores escriptores de Portugal, desde Camões a João de Deus, tem poderosamente marcado nas obras — foi até para Anthero a verdadeira e bella era de acção, de combate e d'arte, dentro do livro e dentro da vida. Longe de symbolisar o bohemio esturdiado, o Anthero legendario dos improvisos, ao luar entornado das noites, entre extasiados ranchos, esse monumento symbolisa o homem moço e ardente que desemboca na vida d'um paiz que apenas Garrett, com a sua arte e a sua elegancia, com todo o seu exemplo incomprehendido desempoeirára, e que veio trazendo na mão a flor do seu genio e da sua fé, desejada e bem-vindo entre os do seu tempo e na sua terra.

Se é só depois de o estudante de olhos azues e barbas loiras, excentrico e candido, se converter no nihilista mystico dos *Sonetos* (como no retrato do Principe de pintores) que elle nos lega a obra central e suprema do seu genio, forçoso é recordarmos que todos os sonetos do primeiro periodo (1890-2) são vividos e escriptos em Coimbra, e que esse periodo inicial, escreve Oliveira Martins, *contem em embryão todos os successos, da mesma forma que as flores incluem em si a substancia dos fructos.*

E' em Coimbra que Anthero funda a *Sociedade do Raio*, sociedade secreta de sabbats mysteriosos ao ar livre, d'um rancho de homens intelligentes e ardentes da bravura moral que o grande vento das idéas do seculo heis trazia. Pelas suas intenções de combate, sédes afflictas de novo, desprezo por convenções e arejar de idéas novas, almas, o papel aguerrido e romanesco que não convém ás dos esturdiados dramaticos ou ás tunas de rapazes divertidos. E Anthero, á frente dos seus discipulos, ao mesmo tempo que das mais altas trapeiras da cidade desafiava com imprecações e de florête erguido os raios do Céu em noites de trovoadas, derrubava a legenda pavorosa do Lente, ainda então o descendente, por varonia, do frade inquisidor e do capitão-mór miguelista.

DR. ALBERTO CONRADO



E' o actual consul do Brazil no Porto. Nasceu, cremos, no Rio de Janeiro, onde, em 1888, se formou em medicina. No seu tempo de estudante foi um dos fundadores da "Gazeta Academica", jornal litterario que revelou as suas aptidões de espirito superior e de jornalista. Exerceu clinica em Montevideo e no Rio Grande do Sul. Do Rio Grande partiu, em 1892, para o Uruguay a assumir o cargo de consul do Brazil, para que fôra nomeado. Dois annos depois foi transferido para a Argentina. Em 96 partiu para França, onde exerceu o mesmo cargo no Havre e em Marselha, e ha poucos mezes recebeu ordem para vir substituir o consul Calmon no Porto, onde tem sabido grangear a estima de quantos o conhecem.

TYPO DE BELLEZA



Foi preciso que a Vida, o torvo drama,
Desse connosco a escabujar na lama
Para uma vez nos entendermos bem!

Os mais fieis dos meus amigos, quando
Lhes disse a dor que no meu seio lavra,
Escutaram-me todos bocejando
E nem uma palavra...

Mas quando, em versos de um lavor rendado,
Lamentos divulguei e desvarios,
Todos elles tiveram o cuidado
De encher-me de elogios...

José NEWTON.



D. Âmelia

Os Malhados

Nem foi applaudida com enthusiaamo, nem recebida com desagrado, a peça com que fez a sua estreia no theatro o sr. Arthur Lobo d'Ávila, que n'outros campos litterarios tem dado provas de muito valor.

As palavras que acabamos de escrever, e que naturalmente nos sahiram dos bicos da penna, não se pôde dizer que sejam uma critica, mas aquilatam o valor especial do drama que se representou duas vezes no theatro D. Âmelia.

Não havia motivos para rasgados applausos, é certo, porque as qualidades que no theatro os provocam e arrancam e escassiam na peça, e aquellas que despertam a reprobção ou o desagrado tambem lá não apparecem.

Não expõe principios arrojados, não tem scenas violentas, não exhibe caracteres repugnantes, não repassa de escabrosidades o assumpto, logo, não tem nenhum d'aquelles elementos que chocam um publico, e que, não raro, ainda que sejam fixados n'uma bella moldura litteraria, concitam os animos contra o auctor e contra a obra.

E como nada d'isso contém a peça do sr. Lobo de Ávila, vamos apostar que a maior parte do publico que assistiu no D. Âmelia a

uma das suas audições veiu para casa sem saber que qualidade de valor tinham *Os Malhados* como trabalho de theatro.

Depois, como as scenas correm naturaes, e é natural o dialogo, como ha observação e estudo ao longo da peça, como foi feliz a idéa do auctor em escolher uma época que ainda interessa profundamente muitos dos que vivem hoje, como elle seube synthetisar n'um homem moço, o filho do morgado miguelista, o desprendimento de todo o faccionismo, a aspiração pela liberdade, no meio das paixões que rugem em torno d'elle, e como em algumas scenas interessantes deu a nota emotiva do amor, succede que as palmas que n'essas duas noites se ouviram no theatro, tambem não foram forçadas, e que



Arthur Lobo d'Ávila

ellas bastariam, não para coarar um trabalho que o auctor julga decerto inferior ao seu merito, para o incitar a emprenhender outros, em que o exito seja incondicional.

NUMEROS DO «REGRESSO»

(H. HEINE)

Todos me deram com signaes de estima
Conselhos d'estes com que a gente anima
A Vida aos transe do lidar sem fim...
Bradaram-me "valor!", — e, pelos modos,
Todos estavam resolvidos, todos
A trabalhar por mim!

Pobre de mim, porém, se eu tenho posto,
Braços cruzados, no favor supposto
Toda esperanza de futuro e pão...
Se me não vale na miseria um dia
Alguem que, decidido, me estendia
A redemptora mão!...

Jámais esquecerei o amparo e abrigo
Que d'esse recebi, o alento amigo
Que me infundi, quanto por mim soffreu...
E, no entanto jámais me será dado
Nos braços estreitar o heroe ouzado
Porque esse heroe... sou eu!...

Faltou-vos sempre, meus amigos, arte
De bem me perceber. Por minha parte,
Eu raro e mal vos percebi tambem...

Gymnasio

Historia de um crime

Papeis houve nos *Malhados* representados a primor, e entre elles destacam o de João Rosa, no morgado realista, que elle comprehendeu com grande elevação e reproduziu com muita nobreza, e Augusto Rosa, no judeu, que estudou e detalhou com uma alta consciencia artistica.

Maria Falcão, nas scenas amorosas com Luis Pinto, o filho do morgado, deu novas provas do seu talento, e elle, n'um papel de veras complicado e difficil, venceu quando pouca essas difficuldades; Gil dá um frade, accentuadamente comico, Pinheiro, um tanto deslocado no capitulo-mór, não lhe dá, por mais que o tente, a ferocidade que o papel requer, e os outros artistas que entram na peça fizeram o possível para interpretar e traduzir a ideia do autor.

Blanchette

E' a peça mais honesta, mais conscienciosa, mais moralista que ha muito se representa em palcos portuguezes. Excelente serviço prestam á arte e á sociologia os escriptores de theatro que atacam de frente os mais momentosos problemas sociais, procurando-lhes a solução, ou para elles chamando a attenção d'aquelles a quem compete resolvê-os.

Brieux, o delicado e poderoso auctor de tantas obras primas, na *Blanchette* atacou com valerosa uma d'essas thezas modernas, importante e grave entre tantas que se offerecem á consideração dos que pensam. A desproporcionalidade de educação nas classes populares entre paes e filhas, a tendencia progressiva que ha n'essas classes em ministrar ás raparigas uma educação superior áquellea que os paes receberam e á do meio em que vivem, expondo-as a todas as contrariedades, uma luta incessante pela vida, superior ás forças femininas que teem de se multiplicar até muitas vezes se expotarem, as consequências que d'esta nefasta tendencia resultam, tudo isto é primorosamente exposto e tractado nos admiráveis tres actos de Brieux, que João Luso verteu correctissimamente para a nossa lingua.

As bellezas da *Blanchette*, as suas scenas encantadoras, a sua formosa, dialogação ganham brilho e relevo na interpretação de Lucinda Simões, a extraordinaria actriz que em cada papel novo parece revelar novas faculdades de talento e mais pujantes recursos de arte, de Lucilia, que na graciosa e singela individualidade de Blanchette foi encantadora de melindre, de encanto e de naturalidade, de Christiano, correctissimo, perfeitamente identificado no papel de taberneiro, de Gil, Alves, Chaby, Dolphina Cruz, Elvira Costa, Cabral e Lagos.

O exito da *Blanchette*, peça e desempenho, foi extraordinario.

D. Maria

As sabichonas

Uma peça de Molière traduzida por Castillo é sempre para o ouvido um desigual encanto litterario. E tão bem o sabe, e tão convencida d'esta verdade está a empresa societaria do theatro de D. Maria que com um pequeno intervalo nos dá duas peças do grande comediographo, vertidas á nossa lingua pelo grande cego.

As *sabichonas* (*Les femmes savantes*) é uma das mais interessantes, das mais maliciosas, d'aquellas em que o epigramma gaulez mais ataca e fere os ridiculos sociais.

Foi n'aquelle mesmo theatro representada ha uns bons 20 annos, e a difficuldade de a terem n'este longo praso ressuaciado dos archivos consistia em encontrar interpretes para as cinco figuras femininas em que o poeta concentra quasi toda a acção da comedia.

Apesar d'esse obice, que o seria hoje em qualquer dos nossos theatros, as *sabichonas* teem tido exito em D. Maria, o que não faz senão abonar os esforços que empregaram os artistas, aos quizes a difficil interpretação foi confiada, e que se não sabiram mal, o que para a hypothese já é muito, da missão artistica que lhes coube; interpretar figuras de Molière.

Trindade

A aposta de Floriano

O sr. Freitas Branco tem provido que tem dado para a escolha d'estas peças burlescas, que primam muito mais pelo apparato que pelo enredo.

A *aposta de Floriano* é bem uma peça do norte; constitue um espectáculo deslumbrante para a vista, complicado, cheio de situações *tapageuses*, com figuras exultantes, não vulgares, tiradas de todas as classes. Ha dois actos, o 2º e o 3º, que pelo movimento, pela acção agitada, bastariam a assegurar o exito da peça, confirmado em noites successivas. Aquellas quatro meninas, aquelle homem-canhão, aquelles palhaços, todo aquelle movimento de circo, é deveras *épatant*, e não ha publico, a começar pelo do norte, que não sinta, de vista pelo menos, satisfeita e repleta de um espectáculo em que, para produzir o effeito desejado, a phantasia do norte agrupou todos os elementos sensacionais.

A excepção do velho Queiroz, todos os artistas da Trindade entram na *aposta*, e o desempenho teve uma parte importante no exito de todas as noites.

Para montar com esplendor as peças d'este genero, Gouveia não se poupa a sacrificios. Vê-os coroados e é este o seu louvor como empresário habil.

Principe Real

A' procura do badalo

Ahi teem como, apesar de todas as rasoiras policieas, se pode fazer ainda uma revista que agrade immenso a todos os publicos, que encha um empresa de dinheiro e um auctor de glorias!

E' que não de convencer-se que se nasce revisteiro como se nasce pintor ou poeta. Aquilo tem um *senior faire*, uma arte, um modo de ser, de achar a graça que faça rir, de agradar á sua maneira, que, parecendo coisa facil, é uma das mais difficilés de atingir.

Ora o sr. Baptista Diniz é, sem duvida alguma, um homem fadado para este genero theatral. As suas revistas do anno não cahem, não cahiram nunca, e á que está em scena no Principe Real facil era a todos os que assistiram á primeira representação prophisar-lhe vida longa.

Que, não obstante os muitos côrtes que o governo civil lhe fez, *A' procura do badalo*, no genero, um dos trabalhos mais completos, mais *riusais*, que conhecemos.

Não tem palavras que choquem o espectador, e as scenas ou as situações escabrosas, sob o ponto de vista da... moral, são architectadas com tanto geito e com uma arte tão especial, que o effeito da gargalhada é immediato sem o publico perceber muitas vezes que, para rir e applaudir assim, precisa ser mais malicioso ainda que... o auctor.

Não tinham rasoão alguma os que affirmavam que a revista era muito fresca, e que não podiam ir senhoras ao theatro vel-a. Dá-se exactamente o contrario. Se ha revista que por senhoras deva ser vista é aquella. No dia em que ellas tiveram toda a malicia, toda a ronha, e toda a sciencia do homem, mesmo em assumptos escabrosos, n'esse dia poder-se-lhes-hia pedir que não fossem ver *A' procura do badalo* para que a parte especialmente fominada dos espectadores não fosse envergonhada por aquelle que o não é. É incontestavelmente uma das pasmosas difficuldades que venceu com o brilho o sr. Baptista Diniz foi todo: receber a sua peça de malicias que se não vêem e que todo o publico adivinha e applaude. Ora sendo as damas em assumptos de tal natureza em grande parte leigas e profanas que perigo ha em que assistam os tres actos da Revista, vendo rir ás gargalhadas o sexo forte, embebedado, não no entretcho, mas nas situações, mas nas meias phrases da Revista, cujo alcance comico ou picareco lhes passa a ellas despercebido, se não tiverem ao lado um espirito santo de orelha que lhes desvende todos os mysterios!

Muito bem faria até o empresário em mandar acrescentar todos os dias nos cartazes estas palavras suggestivas: Revista para homem e para senhoras.

Para o exito que ella alcança todas as noites contribuíram largamente Reis, Eduardo Machado e Salvador, que accentuaram o seu grande merito de scenographos, pintando scenas magnificas como a da batalha de Chaimite, a da Arte Nova e muitas outras; o auctor da musica, o sr. Ferreira, que tem trechos de verdadeira inspiração; os artistas que desempenham os principaes papeis como Adelina Ruas, Joaquim d'Almeida, que foi tambem o habilissimo ensaiador da peça, Setta da Silva e outros ainda; e finalmente o empresário Ruas, que, confiado no exito da Revista, se não poupou a despesas para a pôr em scena com brilho e desuado.

Colyseu dos Recreios

Lisboa inteira tem n'este momento uma esperança, alimenta uma expectativa, deixa-se embalar por uma idéa; assistir aos espectáculos da companhia lyrica na vasta sala do Colyseu dos Recreios. Os nomes dos artistas que a compõem, já precedidos de fama alguns d'elles, e as operas que constituem o repertorio são attractivos de tal ordem, que o nome de Antonio Santos, como o do empresário arrojadissimo para quem não ha difficuldades, de empresário intelligente que não explora o publico como outros que abusam d'elle, e que, ao contrario, resolveu o problema de fazer ouvir operas do grande repertorio por artistas de valor, não só aos ricos ou aos remedeados da fortuna, mas tambem áquelles que nunca teriam meio de as ouvir se não fosse elle. O nome, repetimos de Antonio Santos, anda de boca em boca como se elle resumisse toda a esperança de uma população sequiosa de musica.

JAYME VICTOR.

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo d'á Conde Barão, 30

Páginas suplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 & 24

REVISTA QUINZENA ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castello, Jayme Victor, Loryó Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 115

Ed. telegraphico—BRATGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Numero avulso	Moeda brasileira	Anno	6 mezes	Anno	6 mezes
.....	30.000	25.000	25.000
Anno	3 mezes	15.500	Numero Avulso
.....	75.000	Numero avulso	3.000

SUMMARIO

Conselheiro Antonio Candido Ribeiro da Costa
Victor Hugo — Um discurso de Antonio Candido.
Politica Internacional — Conselheiro Pedroso,
Cintra Castello Real da Pena — O lago do
parque.
O brigade «Corinba» em Angola — II — HENRIQUE
LOPES DE MENDONÇA.
O Parque do Campo Grande
Efeitos da primavera — (Conto mudo) — LOZ.
A alma de Thilfa — (Conto illustrado) — CLAUDIA
DE CAMPOS.
Frederico de Gusmão Correia Arouca.
Conquistas humanas — C. DE BRITO.
Tipos das ruas — CELSO HERMINIO.
Vicende de Paraguassu.
O busto de Anhero — AFFONSO LOPES VIEIRA.
Dr. Alberto Conrad.
Tipos de belleza.
Numeros do regresso (H. Heine) — JOSÉ NEWTON.
Theatres — JAYME VICTOR.

22 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bom conselho.
Album «Brasil-Portugal».
O nosso proximo numero.
Electricidade — OKAWA.
Correspondencia d' Africa
O CEGO — Romance de PEREZ GALDÓS.
Photographia Aurea.

ANNUNCIOS

Chocolate Erasil — Rio de Janeiro.
Os vinhos de Adriano Ramos Pinto.
Vinhos Villar d'Allen — Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole — Rio de Janeiro.
Cesar A. P. iv., dentista — Lisboa.
Aguas de Carabaha — Lisboa.
Capelaria da Moda — Lisboa.
Antiga Casa João Eduardo dos Santos — Porto.
Escola Academica — Lisboa.
Amnirach do «Brasil-Portugal» — Lisboa.
Antonio do Couto — Lisboa.
J. Nunes Correia & C.ª — Lisboa.
Teado.
Companhia Geral do Credito Predial — Lisboa.
Gabinete Hydrotherapeutic — Lisboa.
Grandes Armatens Herminios — Porto.
Dr. Alves Quintella — Porto.
Casa Baquet — Porto.

Cunha & Irmão, joalheiros — Lisboa.
La union y El Fenix Español — Lisboa.
João Ferreira — Porto.
Guilherme Silva — Lisboa.
Fabrica de Gravatas — Rio de Janeiro.
Agencia Finaes de Portugal — Rio de Janeiro.
Lemos & Filhos — Porto.
Companhia Antartica Paulista — S. Paulo.
Almeida & Serpa Pinto — Porto.
José Silva & C.ª — S. Paulo.

OS Nossos Correspondentes

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfanega, 4. sobrado.
PERAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
PARA — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 56.
MANAOS — Jaymes & Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.ª
CEARA — Balles Torres & C.ª
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 28
PELOTAS — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana)
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana)
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MOSAMÉDES — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUEILIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
MENGUELLA — Mathews & Tavares.
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenza.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 210.
ÉVORA — Agente geral em Evora e no Sul Luiz Freire Correia, Rua de Mouraria, 27.
BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.ª.
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 15.ª
CASTELHO BARRIO — Pedro Augusto Pessoa.
ALVARES — Antonio Aguiar Salgueiro.
ELVÁS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
J. COBAÇA — José Narciso da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde.
LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
CORUËA — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Mays & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 61.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o

Brasil-Portugal os sr.s:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.

Zefirino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.

Alberto da Silva Costa (Rua do Barão da Jaguará, n.º 1), em CAMPINAS.

Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.

A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRO PRETO.

Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andrezen) — MANAOS.

Bom conselho

— Como tu está abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!..
— Mas agora reparo... tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tu fransino!
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moimho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

ALBUM «BRASIL-PORTUGAL»

Aviso aos sr.s. Assignantes

A Empresa do *Brasil-Portugal* resolveu dedicar aos seus assignantes de Portugal, possessões e estrangeiro, paginas especiaes, além das da Revista, que formarão mais tarde uma galeria curiosissima de retratos photo-gravura.

Assim, publicará, por grupos, os retratos dos assignantes da Revista que se contam por milhares, sem distincção de categorias.

Introduz-se d'esta forma em Portugal uma innovação original e extremamente interessante, nunca até hoje adoptada na Europa, e o *Brasil-Portugal* tornar-se-ha em pouco tempo um album de valor, em que figurem as mais illustres e as mais modestas individualidades.

Representa um grande augmento de despeza, e ceato, esta idea. Mas ella não será impraticavel se a Empresa for secundada pelos sr.s Assignan-

Proveem os preciosos vinhos
de Adriano Ramos Pinto

tes do *Brasil-Portugal*. Esperamos, portanto, que os srz. assignantes enviem directamente á redacção da Revista, rua de S. Roque, 125, r.º, Lisboa, as respectivas photographias, e desde já agradecemos.

Nota — As remessas devem ser registradas. Os retratos devem ser em cartão album. No verso das photographias devem ser mencionados os nomes, por extenso dos srz. assignantes, localidades em que residem, e profissões ou situação.

A Empresa pede com empenho a maxima brevidade nas remessas das photographias afim de serem immediatamente reproduzidas pela photographura.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O *Brasil-Portugal*, procurando por todas as fórmãs accentuar a sua feição artistica, que deve distinguir sempre as revistas illustradas, dará no seu numero 77 uma esplendida reprodução de toda a scena da *Ceia dos Cardeaes*, a deliciosa peca em verso de Julio Dantas, o grande successo theatral da epoca.

Essa gravura, como outra maior representando os tres *Cardeaes*, (Brasão, João e Augusto Rosi) á mesa, foram expressamente feitas para o *Brasil-Portugal*, para o qual os tres nossos grandes actores tiveram a amabi-

lidade de *poser* deante da objectiva do nosso collaborador artistico Arnaldo da Fonseca.

Daremos breve um conto militar que o illustre escriptor e distincto official do exercito o sr. Maximiliano de Azevedo escreveu expressamente para o *Brasil-Portugal*. Esse conto será illustrado por Alfredo de Moraes, o mesmo artista que firma as illustrações que acompanham o lindissimo conto *A alma de Thilda*, que inserimos neste numero.

ELECTRICIDADE

V

Descriptos como ficaram no nosso artigo ultimo os condensadores e a maneira de os carregar, vamos agora descrever as experiencias que com elles se podem fazer.

— *O retrato electrico*: n'uma folha de papel desenha-se uma figura qualquer cujos contornos são em seguida picados por meio de um alfinete; nas extremidades da folha de papel colloca-se duas tiras d'estanho; colloca-se d'um dos lados uma folha de ouro e do outro um pedago de seda e leva-se tudo a uma pequena prensa de madeira; a folha de ouro deve ter dimensões taes que toque as tiras de estanho; collocando uma d'estas em contacto com a armadura externa de uma garrafa de Seyde e aproximando o botão da out'a tira obtém-se uma faísca e se em seguida despartarmos a prensa vemos que na seda se nota um desenho igual ao que nós tínhamos feito e formado pelo ouro que volatilisando-se á

passagem da electricidade atravessa os orificios feitos pelo alfinete e se vai depositar sobre a seda.

— *O furo de vidro*: colloca-se no meio de uma prancheta um suporte formado por um tubo de vidro de um 5 centímetros de diametro e 10 de altura e no meio do qual existe uma ponta d'estanho da mesma altura; sobre a prancheta onde está collocado o suporte de vidro existe uma haste de cobre cuja extremidade livre é terminada em ponta, e revirada de forma a ficar separada da outra ponta metalleica por uma distancia muito pequena. Para fazer funcionar o aparelho basta collocar uma gota de lacre em cada uma das faces de uma lamina de vidro que é collocada entre as duas pontas metalleicas de forma que cada uma d'ellas mergulhe no lacre; faz-se depois communicar uma das pontas com a armadura extrema de uma garrafa de Leyde e aproxima-se a armadura interna da outra ponta; salta uma faísca e se nós formos ver o vidro achamos este furado.

— A substituição do vidro por um cartão ou por um bilhete de visita dá o mesmo resultado; o aparelho apenas muda de nome e passa a chamar-se *furo cartas*; e funciona exactamente da mesma maneira.

— *O cartão electrico*: é uma das mais interessantes experiencias que se fazem com os condensadores a que vamos descrever; manda-se fazer em lata soldada um pequeno canhão, ao qual depois se faz um *retrato* de madeira. O canhão da papa é preenchido por um tubo de borracha através do qual passa, enchendo-o por completo, uma haste de latão terminada por dois botões e ficando o que está collocado no interior da papa muito perto da parede. A carga será feita por meio de uma mistura de oxygenio e hydrogênio que já ensinamos em numeroes passados d'esta secção a fabricar. Cheio, pois, o canhão d'esta mistura e rolando-o hermeticamente com uma rola de cortiça, faz-se communicar o canhão com a armadura externa de uma garrafa de Leyde; aproximando o botão da armadura interna da haste de latão saltará uma faísca; os dois ge-

N.ºs 30, 31 e 32, respectivamente, de 16 de abril, 12 e 13 de maio de 1900.

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONCALVES & C.

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



zes combinar-se-hão formando vapor d'água e a rinha saltará em virtude da expansão d'este ultimo dando-se uma explosão.

— O *incendio d'uma casa*: em lata tambem manda se construir ou construir-se, se para isso se tem habilidade, uma pequena casa cujas portas e janelas serão praticaveis; no tecto d'essa casa faz-se um buraco e n'elle se fixa por meio de um tubo de borrocha uma haste metalleica terminando em dois botões metalleicos, de forma que o botão interno fique proximo de uma das paredes, e acbe-se a pequena casa de estopa salpicada de resina e põe-se a armadura externa de uma garrafa de Leyde em contacto com a casa; e approximando da armadura interna do botão metalleico saltará uma faísca que irá incendiar a estopa. O effeito produzido por este pequeno incendio é dos mais interessantes.

— As baterias electricas não tem applicações muito communs por ser bastante perigoso o seu emprego devendo sempre ser manejadas com todo o cuidado; o choque que isso pôde pôr em perigo a vida; e por isso sempre convenientemente servirmos-nos de hastes isoladas por meio de cabos de vidro sempre que queiramos utilizarmos-nos d'estas baterias.

Postas estas advertencias vamos enfiar presença a uma execução pela electricidade. Os apparelhos necessarios para esta execução são poucos; uma bateria electrica; uma prancheta de madeira tendo n'uma das faces uma folha metalleica e nada mais é preciso. Posta a folha metalleica em contacto com a armadura externa da bateria, por meio de uma corrente metalleica, collocamos-lhe o condemnado que será um rato, um pardal ou mesmo um cão pequeno ou um pombo — dependa isto do tamanho das baterias — e em seguida faz-se passar a corrente tocando no animal com uma haste metalleica em comunicação com a armadura interna. A morte é instantanea; esta experiencia mostra bem os perigos de se manejarem apparelhos electricos sem os devidos resguardos.

Terminaremos este artigo indicando a maneira de fazer uma *partida* carnavalesca por meio da electricidade.

Aos braços d'um fauteuil fixam-se, aparafusando-os por qualquer outra forma, varios ornamentos de latão, collocando os ornamentos de um dos lados com comunicação, por meio de fios metalleicos, com uma machina electrica e os do outro lado com comunicação com o solo; é mais interessante a experiencia collocando as duas armaduras de uma garrafa de Leyde, devidamente carregada, em comunicação respectivamente com os braços do fauteuil.

Vem um amigo visitar-nos; offerece-se-lhe o fauteuil elle acceita e a conversação prosegue; sempre que elle tocar com as mãos nos ornamentos metalleicos do fauteuil receberá um choque que o obrigará a fazer varias contorções com grande gaudio de quem está presente.

Terminaremos o estudo da electricidade estatica; começaremos no proximo numero o da electricidade dinamica.

ORAVAL.

CORRESPONDENCIA D'AFRICA

Quelimane. — Março 1902. — Corre como costo que o illustre ministro da marinha attenda ás justas reclamações dos empregados adu-

neiros d'esta provincia, elevando-lhes a percentagem sobre o rendimento das alfandegas a 50%.

O ex.^{mo} governador geral antes de dar execução ao decreto, entendeu dever expôr ao governo da metropole o augmento consideravel que occasionava pela forma porque eram melhorados os honorarios d'estes dignos funcionarios que sempre foram e continuam sendo os empregados mais bem remunerados da provincia!

O que ha de verdade sobre o assumpto não o garantimos nós, porque é fóra de duvida que outros funcionarios ha, que tambem merecem ser attendidos nas reclamações que em igual tempo fizeram e talvez com mais merecida justiça, porque tem a seu cargo trabalhos e responsabilidades, senão muito superiores, nunca inferiores, e perceberam sempre vencimentos deminutissimos. Apesar do que, os orçamentos de 1897-1898 e 1900-1901, tiveram pretexto para os reduzir quasi á miseria!

Estes não foram attendidos!!
E' a segunda vez que empregados dos telegraphos da Zambesia imploram a caridade publica no Chinde!

Bonito espectáculo cujo protagonista é quem paga!
Não vai longe, que para evitar este triste meio de resistir á miseria e á morte, lugu para a Beira um empregado europoi que teve mezes de receber liquido \$5000 e até \$3000 réis!

— Seguiu a bordo do vapor *Reichstag* para Lisboa o nosso amigo e digno assignante Agrippino Annibal Lopes Antunes Garcia e sua ex.^{ma} esposa.

Bos viagens.

Casou-se em Porto Alegre (Brasil), com a sr.^a D. Orphila Fernando Brusque de Abreu, o nosso bom amigo Pedro Brusque de Abreu.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XX

Um novo mundo

O espaço illuminado afigurava-se-lhe um abismo immenso, que o attrahia, e onde iria precipitar-se. O instincto de conservação obrigava-o a fechar os olhos. Instado pelo medico, pelo pae e por todos que assistiam a esta scena, presos de funda anciadade, Paulo tornou-a a olhar. Tudo o atrevava. As imagens entravam, digamol-o assim, no seu cerebro violentamente, em tropel, em confusão, de forma tal que elle julgava esbarrar com os esses objectos. As montanhas afastadas parecia estarem-lhe ao alcance da mão, e as coisas e as pessoas que o rodeavam via-as como se de repente lhe houvessem cahido dentro dos olhos. Theodoro Golphin observava estes phenomenos com viva curiosidade.

Era o segundo caso deegueira congenita presenciado por elle. Os outros conservavam-se silenciosos sem se atreverem a manifestar a sua alegria, tal era a surpresa causada por aquelle milagre. O regoijio de Paulo era sem limites. O pobre rapaz parecia doido. Todo elle vibrava de enthusiasmo. Vendo esse estado de excitação nervosa, Theodoro Golphin julgou prudente obrigá-lo a repousar, e disse-lhe sorrindo:

— Por hoje basta. Já via o sufficiente. Não se passa assim das trevas para a luz, nem se entra nos dominios soberanos do sol como quem entra n'um theatro. Este nascimento não se opera sem dor.

Mais tarde, porém, Paulo mostrou tão vehementes desejos de tornar a exercer a sua nova e tão p'ecisa faculdade, que Theodoro consentiu em decerrar de novo uma fresta do mundo visivel.

(Continúa).

Photographia Aurea

Estão sendo primorosissimos os trabalhos photographicos d'esta acreditada casa, situada ha muitos annos na Rua de Santa Justa, 107.

A photographia Aurea, de que são proprietarios os srs. J. R. da Silva & C.^a, faz applicações em todos os generos, e n'este trabalho é tão completa, e, sobretudo ultimamente, temos visto specimenes sahidos d'aquella casa por tão fórmas apuradas, artisticas, que com a maior justiça o *Brasil-Portugal* recommenda aos seus numerosos leitores e photographia Arrea, que tem a dirigil-a o sr. Silva, um dos profissionaes mais competentes n'aquella especialidade.

CESAR A. PAIVA

Cirurgião Dentista

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100, 1.
LISBOA



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; S. Paulo, 1866; e S. Paulo, 1871 e 1874

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos

REGISTRADA

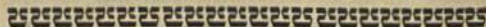
FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMERCIO

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, ca-psulas, ro-lhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto



CHAPELARIA DA MODA

DE

JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34-(Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets

para homem e creança, nacionaes e estrangeiros, em seda, feltro e palha.

chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinas de MONDARIZ

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitales Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra
Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 1/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'asperção, frio ou morno, conforme lhe está preceituado.

As salas de banho, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, toem cada uma 17 banhos d'asperção, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regressam aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções da Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, toem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanço dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo toem lugar o *lunch* e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de florete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Lawn-tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo no esarrío para as mudanças dos professores e descanço dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobrezeza, conforme a tabella das refeições que corre impressa.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando ali os alumnos divididos em 5 secções, conforme as suas idades.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

As quartas e sabbados, das 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capella da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão. Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem nos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capella.

As 11 horas ouvem uma pequena preleção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

¹ Durante este periodo toem lugar os ensaios da fanfarra e da tuna, dirigidos pelos respectivos professores, e 15 aulas especiaes de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS.

BRASIL-PORTUGAL

Almanach illustrado para 1903

Desde já se recebem annuncios para o **ALMANACH ILLUSTRADO** do **BRASIL-PORTUGAL** para o anno de 1903.

O almanach constará de 150 paginas com perto de 300 gravuras.

Escriptorio do BRASIL-PORTUGAL

Rua de S. Roque, 125, 1.º



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM, 111, 1.^o

LISBOA

remiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNecedores DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua do S. Julião, 120, 152, 154 e 156 — LISBOA

Promptissimas com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços

VEADO

ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2 e commisso de 1/4 1/2 de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 á ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Dr. Alves Quintella — R. de Gonçalo Christovam, 314,
PORTO

GABINETE HYDROTHERAPICO

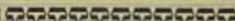
do Dr. Mauperrin Santos

Medicos directores: J. Mauperrin Santos
J. Silvestre d'Almeida

Instalção hydrotherapica completa; duas salas de duches para homens e senhores, inteiramente separadas e independentes; gabinete annexo d'electricidade e massagem. Massagem e gymnastica medica, dirigida por C. de Sousa. Tratamento de doenças nervosas e do estomago.

Aberto das 8 h (2 de manhã e das 3 h a 5 de tarde)

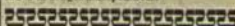
ENTRADAS: CALÇADA DO DUQUE, 20
CALÇADA DA GLORIA, 15 LISBOA



HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS

2082 | Rua de St.^o Antonio
Rua 24 de Branda, 29

Estabelecimentos dentro do mesmo prédio. Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneres do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis



CASA BAQUET

GONÇALVES JUNIOR

ALFAYATE

Confecções para senhoras

153 — Rua de Santo Antonio — 157

PORTO

COUPEUR — ANTONIO AMORIM



Cunha & Irmão

JOALHEIROS

Objectos de fino gosto
em ouro, joias e pratas

199, RUA AUREA, 201

LISBOA

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000\$000 réis

13.000.000\$000

De dividendos pagos desde 1884 até 1895

PREMIOS E RESERVAS \$ 813.000\$000

Seguros contra incêndio, seguros de que se trata

Equator Atlantique & Union Maritime

Companhias francezas contra os riscos maritimos e riscos de transporte de qualquer natureza

Directores — Lima Mayer & Filhos

LISBOA — Rua da Prata, 69, 2.^o



Do mesmo auctor:

LICOR DEPURATIVO VEGETAL IODADO DO DOUTOR QUINTELLA

Do conselho de S. Magestade D. Carlos 1.^o de Portugal, medico dos Hospitales de St.^o Antonio e de creação Maria Pia, do Porto. — Distincto nos cursos de Philosophia e Medicina, e premiado em varias exposições nacionaes e estrangeiras.

Este depurativo approved pela Directoria Geral de Saude Publica dos Estados Unidos do Brazil (sob o n.^o 457) é o mais efficaz, até hoje conhecido, no tratamento das doenças Syphiliticas, Escrofulosas, Rheumaticas, de Pelle, e nas Saturações mercuriaes.

Enviem-se folhetos especiaes, em que se encontram innumerados casos de curas devidamente authenticadas no tratamento d'estas doenças, a quem os reclamar do Deposito Universal, R. Gonçalo Christovam 314 — Porto (Portugal).

Estes preparados encontram-se á venda nas principaes Pharmacias de Portugal e Brasil.

Deposito principal no RIO DE JANEIRO: — José Cesar de Mattos

45, Rua Sete de Setembro, 45



JOÃO FERREIRA
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovaes em todos os
generos

LONDON & PARIS

119, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



Agencia Financial DE PORTUGAL

R 1a General Camara—RIO DE JANEIRO
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sedes dos concehos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de figado de bacalhau,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Eserophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notaveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 3600 réis; caixa de 12 frascos, 69200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

Exportadores para todos os Estados do Brasil

Officinas modeladas com todos os melhoramentos modernos

AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS

TELEGRAMAS PINTO E CIA Caixa de Correo-694

101, RUA DO HOSPICIO, 101
RIO DE JANEIRO

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA



(Vista da Fábrica)

A melhor cerveja conhecida no Brasil

Lager — Pilsener — München — Stout (preta)

Agentes: em Santos = I. KIAUNIG.
em Campinas = B. F. NEGRÃO.
no Rio de Janeiro = F. W. KRAUSE, rua da Alfandega, 56

Agentes gerais — **Zerrenner Bülow & C.^a** — Rua de S. Bento, 81 — S. PAULO

Fábrica em Agua Branca

Escritório — Rua Formosa, 1

Modas e confecções



Últimas Novidades de Paris,
Londres e Berlim

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^s de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 79

JOSE SILVA & C.^A



Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.^o CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO



FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florento de Abreu, 34



Casa matriz — RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
de qualquer qualidade



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação
de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO